

pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

O Evangelho da Verdade

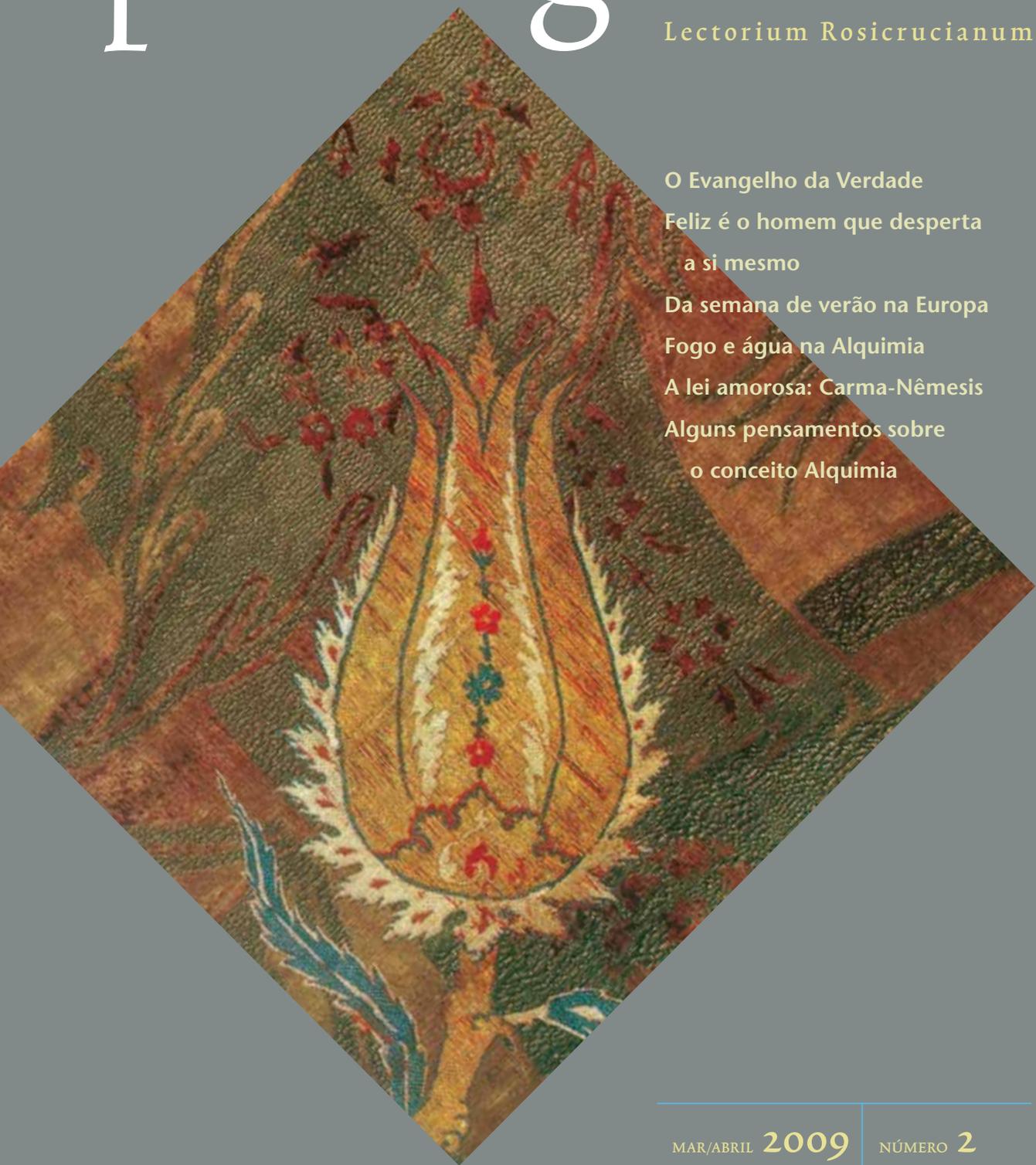
Feliz é o homem que desperta
a si mesmo

Da semana de verão na Europa

Fogo e água na Alquimia

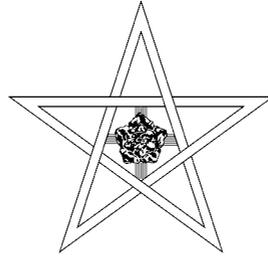
A lei amorosa: Carma-Nêmesis

Alguns pensamentos sobre
o conceito Alquimia



MAR/ABRIL 2009

NÚMERO 2

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

Redação final

P. Huis

Imagens

I. W. v. d. Brul, G. P. Olsthoom

Design

Capa: Dick Letema

Interior: Ivar Hamelink

Redação

C. Bode, A. Gerrits, H. P. Knevel, G. P. Olsthom,

A. Stokman-Griever, G. Uljée, I. W. v. d. Brul

Secretaria

C. Bode, G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram

Maartensdijkseweg 1,

NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.

info@rozekruispers.com

Edição Brasileira

Editora Lectorium Rosicrucianum

Administração, assinaturas e vendas

Tel: (011) 4016-1817

Fax: (011) 4016-5638

www.editoralrc.com.br

Responsável pela Edição Brasileira

M. D. Eddé de Oliveira

Revisão final

M. R. de Matos Moraes

Tradutores e revisores

S. Cachemaille, M. C. Zanon Costa, I. Duriaux,

J. Jesus, M. Pedroza, A. Sader, M. S. Sader,

Y. Sanderse, U. Shmit, M. V. Mesquita de Sousa,

R. Dias de Luz, F. M. da Silva Luz

Diagramação, capa e interior

D. B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP

www.lectoriumrosicrucianum.org.br

info@rosacruzarea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa

www.rosacruzlectorium.org

escola@rosacruzarea.org

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 31 número 2 2009



Nesta edição da Pentagrama, dirigimos a atenção para a grande diferença entre ser e existir; entre exterior e interior; entre declínio e transmutação, sólido e volátil, verdade e erro. O Evangelho da Verdade, a lei amorosa de Carma-Nêmesis e a pura alquimia do Espírito levam para a promessa e a essência do ser humano: a capacidade de tornar-se um homem-espírito.

Ninguém pode perceber algo imutável sem ter-se tornado ele mesmo imutável, conforme dito no Evangelho de Filipe: "No que concerne à verdade, não é o mesmo o que acontece no mundo, onde o homem vê o sol sem ser ele mesmo um sol; onde ele vê o céu e a terra e todas as outras coisas sem ser ele mesmo essas coisas. Mas, na verdade assim é: se vês alguma coisa, tornas-te semelhante a ela. Se vês o Espírito, tornas-te Espírito. Se vês Cristo, tornas-te Cristo. Se vês o Pai (Deus), tornas-te o Pai. É por isso que aqui neste mundo vês tudo, menos a ti mesmo. No outro mundo, porém, vês a ti mesmo, porque o que lá vês nisso te tornas."

sumário

- O Evangelho da Verdade **2**
feliz é o homem que desperta a
si mesmo **10**
da semana de verão de 2008 na Europa
* uma reflexão sobre o clima exterior
e interior, durante uma conferência em
Edshult, Suécia **18**
* alocução durante uma noite
em Noverosa, Doornspijk, Holanda **21**
* Impressões da conferência do grupo
de jovens alunos em "La Nuova Arca",
Dovadola, Itália **25**
fogo e água na Alquimia **28**
alguns pensamentos sobre o conceito
Alquimia **38**
a lei amorosa
Carma-Nêmesis **43**

Capa:

Uma tulipa de seda, em ouro precioso, como símbolo do microcosmo renovado. Ao seu redor, o esplendor de um manto ígneo, com diferentes centros de energia brilhando em várias intensidades. Istambul, séc. 17

O Evangelho da Verdade

Ainda que dotados de razão, percebemos o mundo através de nossos sentidos. As coisas e os homens são para nós objetos diante dos quais nos posicionamos enquanto sujeitos. O gnóstico, entretanto, desenvolve uma consciência especial, um novo órgão de percepção, mediante o qual ele se torna uno com seres e coisas, o que faz desaparecer a separação entre ele e o mundo, entre ele e Deus. O gnóstico reconhece *nele* mesmo o ser impercível, Deus, porque ele mesmo se tornou esse ser de essência imutável.

Ele se transforma, por assim dizer, nos seres e nas coisas, que, por sua vez, se transformam nele. Já não há objetos diante dele, ele torna-se o sujeito que tudo abarca. Pode-se dizer que a Gnose consiste em uma experiência espiritual direta.

Ele se transforma, por assim dizer, nos seres e nas coisas, que, por sua vez, se transformam nele. Já não há objetos diante dele, ele torna-se o sujeito que tudo abarca. Pode-se dizer que a Gnose consiste em uma experiência espiritual direta.

Com base nessa compreensão da Gnose, fica evidente que os fundadores das religiões e das escolas de mistérios, desde a noite dos tempos, eram gnósticos, “portadores do conhecimento”, isto é, aqueles que ao longo de suas vidas experimentaram a unidade de todas as coisas em Deus.

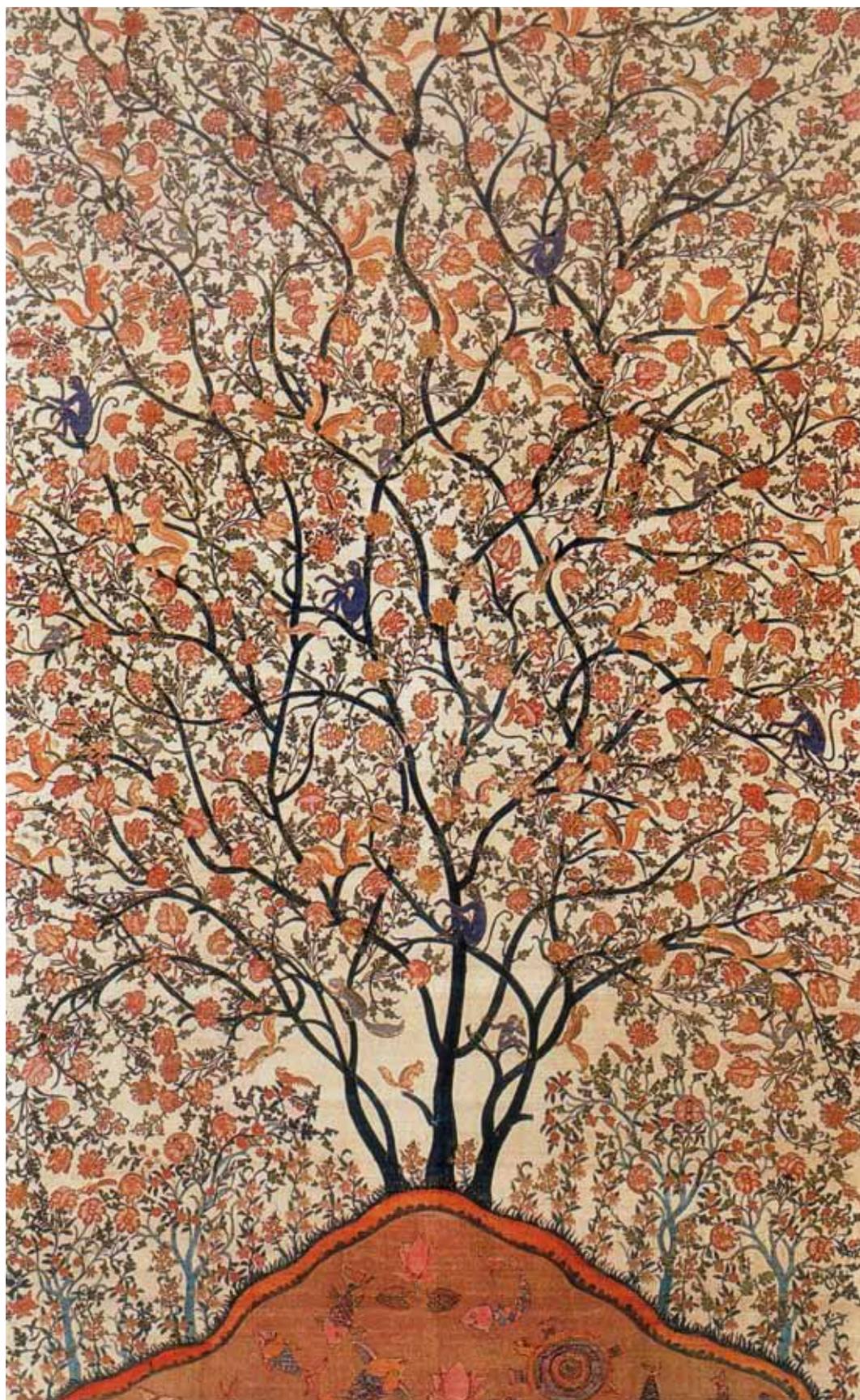
Assim disse Jesus: “Eu e o Pai (a fonte primordial divina) somos um”.¹ E Paulo: “Agora vemos por espelho em enigma (isto é, por meio de nossos sentidos através dos quais as coisas nos parecem objetos enigmáticos), mas então veremos face a face”,² ou seja, olhos nos olhos, de forma direta, imersos na essência de todas as coisas.

Ou como disse Buda: “O que percebo em minha contemplação é a verdade. O que pratico com devoção é a verdade, pois, vê, eu mesmo tornei-me a verdade”.³

E o hinduísmo declara: “Tat tvam asi”. Tu és o ser. Tudo o que está à tua volta e vês como objeto, na realidade, é tu mesmo. Mas, com a tua consciência comum não podes percebê-lo. Além dessa noção geral, a Gnose tem um significado específico ligado a uma religião ou filosofia que surgiu na mesma

época que o cristianismo e floresceu nos primeiros séculos de nossa era. Os grandes nomes dessa corrente são Valentino, Basilides e Mani. Dessa Gnose histórica (em sentido literal) provêm os escritos gnósticos descobertos em 1945, em Nag Hammadi, no Alto Egito. O Evangelho da Verdade, que se estima ter sido escrito por volta da metade do segundo século, estava entre os documentos descobertos em Nag Hammadi.

A Igreja, com o passar do tempo, tornara-se incapaz de uma experiência espiritual direta com o divino, tornara-se dogmática. Ela condenou os escritos gnósticos como errôneos, heréticos, e não os admitiu no Novo Testamento. Para essa Igreja, a Gnose histórica era, e ainda é, uma doutrina falsa. Mas, sob o ponto de vista de que o cristianismo original foi o instituído por Jesus, percebe-se que esse cristianismo efetivamente se refere a uma experiência espiritual, precisamente como a Gnose da mesma época. Não há diferença essencial entre o cristianismo espiritual e a Gnose histórica, até mesmo no que concerne aos símbolos. Desse ponto de vista, Jesus foi um gnóstico tal como Valentino e Mani foram cristãos espirituais, e também Paulo e João. A hostilidade, ainda atual, do cristianismo tradicional contra a Gnose histórica e contra a Gnose em geral começou quando, em benefício do dogmatismo, desapareceu do cristianismo o sentido espiritual interior fundamental, ensinado por Jesus. Verificamos, no entanto, ao comparar os documentos do cristianismo original com os pertencentes à tradição da Gnose histórica – como, por exemplo, o Evangelho da Verdade – que o sentido revelado



Árvore da Vida em seda e algodão, representando como todos os seres vivos estão interligados entre si e têm suas raízes na força tríplice do Pai. A árvore atende a todos os desejos, mas nos submete também às conseqüências de nossa ação.



por um confirma o significado apontado pelo outro.

Valentino, nascido no Egito, por volta do ano 110 d.C., é um dos gnósticos mais conhecidos e provavelmente o autor do Evangelho da Verdade. Por volta do ano 150, Valentino foi escolhido bispo da comunidade cristã em Roma. Desse fato é possível concluir que nessa época ainda não havia separação entre cristãos e gnósticos. Sobretudo, parece que nessa primeira comunidade cristã reinava certa liberdade. Seus bispos eram eleitos e não havia a figura do Papa. Ao retornar para o Egito, Valentino fundou uma escola filosófica religiosa. Valentino morreu no ano 170, no entanto suas idéias sobre o surgimento do mundo e o desenvolvimento da humanidade permaneceram através de alguns fragmentos de suas cartas e aloquções, bem como do Evangelho da Verdade, que muito provavelmente é de sua autoria.

Um testemunho de um dos Pais da Igreja talvez nos permita compreender melhor Valentino:

“Valentino afirmava que, tendo visto um menino muito jovem, lhe perguntou quem era, e que o menino lhe respondera: Eu sou o ‘Verbo’.”⁴

Essa é uma bela referência à compreensão característica dos gnósticos: experiências interiores feitas pela consciência espiritual. Valentino vê em seu interior, como em uma visão, um menino, uma criança. Em contraposição ao homem terrestre, ele se torna consciente do Outro, o Verbo divino eterno, luz, vida, sabedoria. Esse Verbo é ainda pequeno como uma criança. Isso significa que Valentino percebe sua identidade espiritual, seu verdadeiro ser, ainda por desenvolver-se, mas que é incondicionado e capaz de desenvolver-se como uma criança. Sem preconceitos, sem desconfianças, sem opiniões rígidas. Assim simboliza Valentino o primeiro ingresso auspicioso do mundo divino em sua consciência. Foi o início de sua iluminação, durante a qual o mundo divino, o ser espiritual no imo, desenvolveu-se cada vez mais. De maneira cada vez mais abrangente a estrutura e as forças do

Se tomamos um caminho diferente, nós mesmos temos de dissolver as conseqüências dessa escolha

mundo divino revelaram-se para sua consciência. A mesma experiência foi vivida por Paulo: “[...] porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus [...] Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus.”⁵ E Paulo pergunta a seus companheiros: “Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós?”⁶ O gnóstico Paulo é consciente de sua verdadeira identidade e da identidade de seus companheiros, homens espirituais.

Valentino nos relata seus pensamentos a respeito do mundo divino no Evangelho da Verdade. Ele fala da alegria e do repouso que o preencheram desde que se tornou consciente da realidade espiritual. Valentino diz que já não faz parte dos que caíram nos reinos dos infernos, mas que se encontra no mundo onde já não há cobiça, nem sofrimento, nem morte. O mundo exterior, inferior, é o inferno, um mundo de conflitos, de angústias, de cobiça, de sofrimento e de morte, no entanto esse mundo infernal já não influencia sua vida.

Os seres que se tornaram conscientes da Verdade, afirma Valentino: “[...] repousam Naquele que está em repouso, não são atormentados pelo anseio pela Verdade e não são confundidos na busca pela

Verdade. E o Pai está neles, e eles estão no Pai. Porque eles são perfeitos e inseparáveis do verdadeiro Bem e não sofrem com a carência de qualquer coisa, mas vivem no repouso e são constantemente revigorados pelo Espírito”.⁷ E dizemos aos que não se encontram nesse repouso e nesta alegria: “[...] saibam que eu já não posso falar sobre outra coisa depois de ter estado uma vez nesse lugar de repouso”.⁸

O objetivo único do autor do Evangelho da Verdade é indicar para nós, que somos atormentados por essas carências, o caminho para livrar-nos delas. O caminho para salvar-nos dos reinos dos infernos, da carência da verdade e do desejo afitivo pela verdade é o conhecimento, o conhecimento da verdade. Esse caminho começa com a compreensão de que nos encontramos em ignorância e engano sobre a verdade e sobre nós mesmos. Esquecemos e negamos nossas raízes e as do mundo. É do mundo divino, do Pai – diz Valentino – que fomos criados, como seres espirituais “à sua imagem e semelhança”, de quem recebemos tudo e por quem somos incentivados a progredir em nosso desenvolvimento.

Entretanto, conservamos nosso corpo, assim como nossos pensamentos e sentimentos que dele provêm, como bens pessoais; cremos que no espaço a

A verdade é semelhante a si mesma

matéria visível – portanto mortal – tal com como estrelas e planetas – são a única realidade. E com base nesse preconceito, nessa crença, reprimimos o Espírito e não reconhecemos que ele quer operar em nós e no mundo. Dormimos e acreditamos que nossos sonhos são a realidade. Contrariamente ao mundo do Espírito, nossas percepções sensoriais do mundo material nos apresentam uma realidade de segunda ordem, tal como são os sonhos em relação ao estado de vigília.

Nossa ignorância em relação ao Pai, diz Valentino, nossa incapacidade de perceber o Espírito, em nós e fora de nós, gera medo, confusão, instabilidade, indecisão, divergência, muitas ilusões e vãs ficções que são como pesadelos durante o sono. Esse estado é acompanhado da crença na idéia preconcebida de que a matéria é a única e definitiva realidade. “[...] Aqueles que rejeitaram o sono da ignorância já não vêem o sono como realidade... eles deixam o sono e os sonhos da noite para trás. O que há de melhor para o homem é despertar-se e converter-se...”⁹

O primeiro passo no caminho da experiência do “eu” verdadeiro e da verdade é reconhecer que nos enganamos a respeito de nós mesmos e do mundo. Que nossas considerações de orientação puramente materialista sobre a realidade nada são senão sonhos. Porém, uma concepção gnóstica é possível com base em uma abertura a uma imagem espiri-

tual do mundo, que se dá por meio da fé gnóstica. Mas, como a autêntica realidade aparece? Como acordar e tornar-se consciente? Façamos algumas analogias para explicar como acontece esse despertar interior de uma consciência gnóstica. Tomemos um exemplo simples da vida comum: já aconteceu a todos nós de não lembrarmos o nome de alguém conhecido. Sabemos o nome dessa pessoa, sentimos que seu nome está na “ponta da língua”, que está em algum lugar obscuro de nossa consciência, no entanto, embora façamos um imenso esforço mental para lembrá-lo, não conseguimos. Temos a sensação desagradável e irritante de que esse nome é como que impedido de vir à nossa consciência. Entretanto, ao deixarmos o problema de lado e nos ocuparmos com outra coisa, de repente o nome surge em nossa memória, e respiramos aliviados. Vejamos outro exemplo: admitamos que quando éramos jovens tivéssemos o desejo de seguir determinada profissão, mas devido a diversos obstáculos não o fizemos. Sem tocar mais nesse assunto, seguimos outro caminho e esquecemos o antigo desejo. Entretanto, sem saber a razão, sentimos tristeza e nostalgia... e de repente sabemos de onde isso vem: não realizamos uma parte de nós mesmos, que ficou inexplorada. Uma de nossas possibilidades não pôde ser desenvolvida, o que vem a nossa mente. Pode ser então que realizemos esse antigo desejo mediante um passatempo, dando vazão, assim, a um



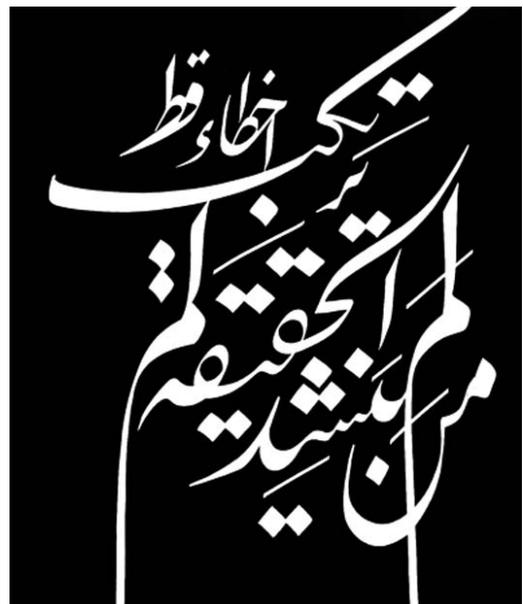
“A salvação está na verdade”, caligrafia do artista siríaco Khaled Al Saai. Tanto em chinês, como em árabe ou em siríaco a palavra “verdade” mostra uma forma vigorosa

de nossos talentos, antes esquecido.

Um último exemplo: temos uma vida social e uma vida privada às quais estamos tão habituados que não percebemos o quanto elas contradizem profundamente nosso coração. Habitualmente, consideramos que as circunstâncias particulares nas quais nos encontramos são realmente necessárias e fundamentais para nossa existência. Entretanto, sentimos uma tensão vaga e um conformismo, capazes de nos levar ao desespero. Então, temos a impressão de que nossa vida não corresponde à nossa natureza, que teríamos de mudar de direção. Mas, por medo das conseqüências, acabamos por seguir o mesmo caminho.

A repentina lembrança de alguma coisa esquecida; o sentimento de ter reprimido um antigo ideal e a consciência de levar uma vida mentirosa podem ser comparados à compreensão gnóstica, com a diferença que esta é muito mais profunda e global. O gnóstico chega de repente a um *insight* de que ele esqueceu o verdadeiro sentido de sua vida. Que sua vida nesta terra e suas tentativas de encontrar felicidade, riqueza, sucesso, ou seu impacto no mundo material já não o contentam e que o mais profundo e espiritual de sua alma não está ativo. Ele compreende, enfim, que sua vida é uma grande ilusão. Para ele, essa é a única visão possível da vida, e apesar de tudo, ela é bela.

Essa idéia traz conseqüências. O que reprimimos





A Verdade coloca os pés brincando sobre a Falsidade e a domina. Detalhe de uma escultura de Alfred Stevens de 1876, no Victoria and Albert Museum, Londres

até o presente se faz sentir e clama por seus direitos. Se assim não fosse, o que reprimimos jamais poderia vir à tona. Dessa maneira, o núcleo espiritual fundamental em nós que é eterno nos convida, nos chama, sim, nos tira de nossa ordem para que ele possa evoluir e tornar-se consciente. Passamos a perceber em nós uma nova receptividade ao espiritual, uma abertura ao que temos de mais profundo, uma fé na Gnose. Ora, são essa fé e essa abertura que nos permitem adquirir a compreensão. A compreensão, o despertar gnóstico, de acordo com a fé gnóstica, nada é senão tornar-se

O **EVANGELHO DA VERDADE** é um testemunho da Gnose. A palavra "gnose" significa conhecimento, em grego. Mas, esse conhecimento é especial, pois refere-se a uma experiência espiritual direta, de primeira mão. Como esse conhecimento nasce em nós? A esse respeito lemos no Evangelho de Felipe, logion 36, outro escrito gnóstico:

"No que concerne à verdade (ou Gnose), não é o mesmo o que acontece no mundo, onde o homem vê o sol sem ser ele mesmo um sol; onde ele vê o céu e a terra e todas as outras coisas sem ser ele mesmo essas coisas.

novamente consciente daquilo que até o presente havíamos abandonado, esquecido, dissimulado ou reprimido. À medida que esse fundamento espiritual oprimido se revela à consciência, damos conta do sentido da vida há muito tempo esquecido e desmascaramos a relatividade, o erro, a mentira e a superficialidade de nossa vida comum. E aspectos de nossa consciência há muito abandonados tornam-se facilmente ativos outra vez. Dessa maneira, é possível perceber que as concepções gnósticas não são fórmulas ou teorias intelectuais, mas que se trata aqui de tornar-nos conscientes de nosso ser interior profundo. A maior parte das tentativas filosóficas e teológicas modernas de compreender os gnósticos sofre da deficiência de acreditar que o conhecimento gnóstico é mera especulação do pensamento sobre a situação do ser humano no mundo. Quando os gnósticos dizem que são libertos pelo conhecimento entendem que passam do estado inconsciente ao consciente do que há de mais profundo neles, que essa nova consciência age neles e os conduz à libertação; o que alguns teólogos compreendem de maneira errônea quando consideram que os gnósticos se sentem libertos graças a um conhecimento secreto especial, pois acreditam que determinadas fórmulas e teorias sobre o mundo e a natureza humana

Mas, na verdade assim é:

Se vês alguma coisa, tornas-te semelhante a ela.

Se vês o Espírito, tornas-te Espírito.

Se vês Cristo, tornas-te Cristo.

Se vês o Pai (Deus), tornas-te o Pai.

É por isso que aqui neste mundo vês tudo, menos a ti mesmo.

No outro mundo, porém, vês a ti mesmo, porque o que lá vês nisso te tornas.”

“Ninguém pode perceber algo imutável sem ter-se tornado ele mesmo imutável.”

conduziriam os gnósticos à libertação. No entanto, para o gnóstico, a libertação pelo conhecimento significa que seu ser interior mais profundo voltou à consciência e à vida, e assim, age nele e o liberta de sua superficialidade e de sua inércia. Como Valentino, o gnóstico adquire a consciência de sua verdadeira identidade espiritual, ele ouve o Verbo divino, percebe o mundo divino, no início, como uma criança particularmente dotada, e depois, cada vez de forma mais ampla e intensa. Se o chamado ressoar no mais profundo de nossa alma, sugerindo a possibilidade de tornar-nos conscientes, de despertar em nós a eternidade que nos libertará, poderemos apresentar duas reações: ter fé ou não. Pode acontecer também que, profundamente tocados, aceitemos imediatamente escutar o chamado e a ele responder.

O Evangelho da Verdade a esse respeito expõe: “Quando é chamado [pelo nome], ele ouve, responde e volta-se para aquele que o chama, eleva-se até ele e, nesse chamado, obtém a Gnose. E, como agora sabe, ele faz a vontade daquele que o chamou”.¹⁰ Essa seria a reação apropriada do ser humano a esse chamado proveniente do próprio imo: abertura e resposta positiva. Isso é fé gnóstica ✨

1 João 10:30.

2 I Coríntios 13:12.

3 Carus, P., *Evangelho de Buda*.

4 Clemente de Alexandria.

5 I Coríntios 2:10–12.

6 II Coríntios 13:5.

7 *O conhecimento que ilumina*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2005.

8 *Ibidem*.

9 *Ibidem*.

10 *Ibidem*.

feliz é o homem



que desperta a si mesmo

O EVANGELHO DA VERDADE II

“Feliz o homem que se torna consciente de si mesmo e desperta. Quando é chamado [pelo nome], ele ouve, responde e volta-se para aquele que o chama, eleva-se até ele e, nesse chamado, obtém a Gnose. E, como agora sabe, ele faz a vontade daquele que o chamou.”

Fé, em sentido gnóstico, significa: ouvir o chamado, abrir-se e reagir positivamente. Em geral, no entanto, os que são chamados não reagem. Porque seria preciso mudar completamente se aceitássemos a verdade sobre nós mesmos e nossa sociedade. Seria necessário renunciar a muitos de nossos hábitos, de nossos falsos prazeres, de nossas certezas e de nosso reconhecimento pelo mundo que nos cerca. Sobretudo à imagem lisonjeira que temos de nós mesmos, o que nos causaria dor, ainda que fosse a dor que acompanha a compreensão.

De acordo com o Evangelho da Verdade: “O erro entrou numa exaltação terrível, e não sabia o que devia fazer. Estava triste, queixava-se e atormentava-se porque nada sabia. Quando a Gnose se aproxima do erro, ela é a sua ruína e a ruína de toda a sua manifestação. O erro demonstra seu vazio e sua nulidade”.

Para Valentino, o erro corresponde ao estado presente do homem, que reage sem acreditar no apelo interior. Poucas pessoas são receptivas à possibilidade de uma vida espiritual. Valentino expõe que, pela força do hábito e das necessidades, poucos estão em condição de reagir por sua própria força ao chamado da eternidade. É por isso que o mundo divino envia “seu Filho”, a luz, sob a forma de um “ser” que conhece “o Pai”, o mundo divino. É então que a ignorância (do ser humano)

pode dissipar-se completamente. Para Valentino, Jesus Cristo é a luz que se encarna no mundo do erro como inteligência e força divina capazes de penetrar no coração de todos os que anseiam por libertação, mas que, por sua própria força, não são capazes de chegar ao conhecimento.

Trata-se do tema central do Evangelho da Verdade: o Verbo divino é o redentor que vem para salvar todos os que não conhecem o Pai. Várias vezes Valentino exprime sua alegria por haver um meio de escapar do mundo da ignorância, sim, de libertar-se completamente para chegar ao mundo divino da verdade e da plenitude. Ele escreve: “O Evangelho da Verdade é suprema alegria para todos os que receberam do Pai da Verdade [...] o nome do Evangelho é ‘Revelação’, ou seja, revelação daquilo que está fundamentado na esperança”.

Que alívio é entender que a grande incompreensão e desesperança não são definitivas! “Por meio de Jesus Cristo [o Pai] iluminou aqueles que, devido à perda do conhecimento, vivem nas trevas. Ele iluminou-os e indicou-lhes o caminho. O caminho, porém, é a verdade que [o Filho] lhes mostrou.”

Todas as concepções gnósticas, como as expressas nesse Evangelho, provêm do puro cristianismo original, do cristianismo espiritual. Tanto na Gnose como no cristianismo primitivo, Jesus, o Verbo divino, é a força divina que emana do Pai para inflamar a luz do conhecimento na cabeça e no coração do ser humano, a fim de dissipar as trevas. A salvação do ser humano, tanto na Gnose histórica como no cristianismo original, é libertar-se do erro e de suas conseqüências, despertar na verdade

Amor, conhecimento e ação como três anjos em volta da taça, que simboliza Cristo. André Rublev, Trinitas, ca. 1405–1410

Fomos criados pelo Espírito divino para conhecer o Espírito divino e a nós mesmos como emanção dele

divina que atua no imo, tornando-se dela consciente. Cristo é a corporificação dessa força divina libertadora que age no ser humano.

Muitas pessoas, hoje, percebem a insensatez da antiga fé dogmática e pressentem que só as experiências espirituais internas, só uma mudança interna que também inclui uma mudança de toda a vida exterior, podem libertar o ser humano.

O conhecimento, a Gnose, o saber do coração, une perfeitamente o ser humano à verdade. Com a ajuda do Verbo divino que atua em seu imo e liberto de erro, ele torna-se um homem espiritual novo e, por ter ouvido o chamado, participa, nesta vida, da libertação.

Aí está o verdadeiro cristianismo: a eternidade quer libertar-se no homem, que, no entanto, é demasiado fraco para renunciar ao erro e às ligações com o mundo das aparências. Quando o Cristo interior, o Verbo divino, encontra eco em seu coração, uma energia nova, não-terrestre, fortalece nele a eternidade. Em relação a isso, o homem não salva a si próprio. Contudo, a salvação é um ato de conscientização do ser humano, uma libertação do erro. Ele é capaz de colaborar com o Verbo divino, de tomar parte em sua libertação, e, nesse sentido, não obstante, pode-se dizer que ele salva a si mesmo. É por isso que o Evangelho da Verdade chama o homem a entregar-se à força do Verbo divino no caminho para a verdade: “Estejamos atentos para que nossa casa se torne limpa e silenciosa para a Unidade”. Quebremos o velho homem, que espera sua felicidade do mundo terrestre ou sua salvação no dia do Juízo Final no Além, como um vaso que

ficou inútil e construamos, com base no Verbo divino, novos vasos que o possam receber de maneira pura e firme.

E isso é possível graças à encarnação do Verbo divino que age nos seres humanos: “Tornou-se caminho para os desorientados e conhecimento para os ignorantes, achado para os que o buscavam, firme amparo para os vacilantes e purificação para os que eram impuros”.

Ele, o eterno do homem perfeito, o Verbo divino encarnado, age sem pausa na humanidade e no coração de cada indivíduo, aqui e agora, chamando-o e possibilitando-lhe realizar o caminho único da compreensão. Os que seguem esse caminho sabem que o que possuem espiritualmente de mais fundamental provém do mundo divino, que age neles e os chama, até que se tornem outra vez conscientes de terem sido criados à imagem de Deus e reconheçam seu Pai. Assim, fé em sentido gnóstico é ser receptivo à idéia de que existe uma nova possibilidade de vida!

O Evangelho da Verdade não fala apenas do chamado do mundo divino, do Verbo divino encarnado, do caminho da justa resposta ao chamado, mas mostra também um quadro geral do caminho de desenvolvimento da humanidade e o objetivo desse caminho.

Por que o “Pai da Verdade” criou o universo e os homens? Porque deseja que estes o conheçam e aprendam a amá-lo. No início, a perfeição descansava ainda (como potencial) nele, o Pai. Ele ainda não a tinha conferido ao universo... Guardava-a escondida em si, conservava-a para os que retorna-

riam a ele, e também tinha preparado para eles o conhecimento total e indivisível.

Portanto, nós e o universo fomos criados pelo Espírito divino, como um pensamento emanado do pensamento divino, para, de maneira autônoma, conhecer o Espírito divino e a nós mesmos como emanção dele. Ou, com outras palavras, para tornar-nos conscientes de nós mesmos como seres divinos, para tornar-nos conscientes de provir de Deus, nossa origem, nossa fonte, a fim de poder colaborar conscientemente com sua obra. Isso, afirma Valentino, define nosso verdadeiro destino, o objetivo e o sentido da nossa vida, o objetivo de todo o universo.

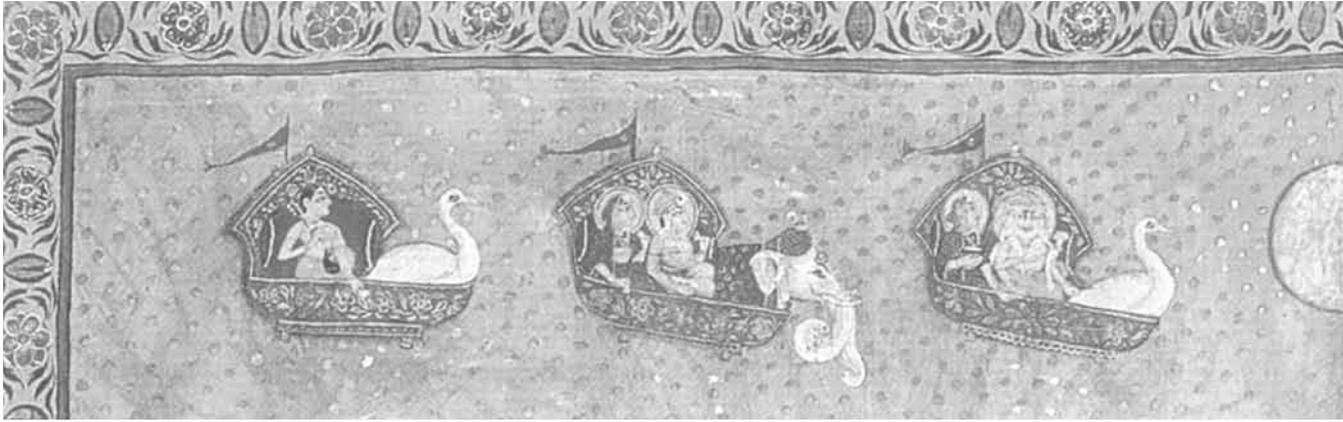
Podemos então imaginar que nós, de acordo com o nosso ser espiritual, evoluímos, para utilizar uma linguagem moderna, ao longo das linhas de força vivas do Espírito, presentes no universo inteiro.

No início dos tempos, esses seres espirituais não dispunham ainda de um envoltório material. Para adquirir a consciência de si e do mundo, deviam ter um corpo capaz de pensar, sentir, querer e agir. No início, ainda não tinham recebido uma forma e um nome, que o Pai cria para cada indivíduo: a forma (que dele recebemos) para poder conhecê-lo. Porque enquanto permaneciam nele inconscientes, não podiam conhecê-lo.

Nessas condições, o homem deveria, nós deveríamos, nos manifestar, porque, em nosso estado de inconsciência, não podíamos compreender aquele em quem nos encontrávamos nem reconhecer sua vontade como provinda dele.

Imaginemos ser linhas de força puras, imateriais,





pensamentos provindos da esfera original pura. Então poderíamos desenvolver, independentemente, uma forma e um nome; ou seja, um corpo e uma consciência do ser divino que nunca perderia sua ligação com o mundo divino. Isso, porém, não aconteceu: a ligação consciente com o Pai foi quebrada.

No lugar de uma consciência-eu que teria permanecido sempre em harmonia com o Pai, evoluiu uma consciência-eu que perdeu a unidade com o Pai. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se um corpo material grosseiro. Vivemos na ignorância “do Pai”, porque o eu material grosseiro e egocêntrico não provém das esferas puras da origem. É nesse estado que se encontra a humanidade presente. As forças divinas já não podem exprimir-se diretamente em nossa consciência. Nosso corpo físico, com seus instintos, sentimentos e concepções, já não têm ligação direta com o mundo divino.

Valentino tira as seguintes conclusões: A ignorância a respeito do Pai suscita o medo e a angústia. E essa angústia se expande como uma nuvem até que ninguém possa ver coisa alguma. Assim progride a influência do erro, o qual age sem a razão divina sobre a matéria e cria com grande tensão uma criatura na qual reina a falsa beleza no lugar da verdade.

Esse acontecimento não é algo isolado do remoto passado: ele não cessa de repetir-se até hoje. O ho-

mem fecha-se para as forças divinas que trabalham nele e querem cruzar o limiar da sua consciência. Assim, perdemos a unidade natural com as leis do Espírito que penetram e conservam todas as coisas. Daí nossa angústia por não sentir o solo firme sob os pés, e a sensação de nossa solidão numa vida absurda. Além disso, o medo faz que nos agarremos ainda mais fortemente às aparências e nos fechemos cada vez mais para a unidade com o mundo puro e original. É um círculo vicioso.

Como, apesar de tudo, a força divina criadora está presente em nós, agimos e criamos incessantemente na matéria, fora das leis divinas; não é surpreendente que apareçam, então, o caos e a falsa beleza. E imaginamos que este mundo caótico que criamos é absoluto e eterno. Os fenômenos externos materiais, nos quais se sucedem o bem e o mal, lembram-nos o mito do paraíso sobre a árvore do conhecimento do bem e do mal. Agora, portanto, trata-se de comer de outro fruto, do fruto da árvore da vida, destinado a sustentar nossa ligação consciente com o mundo da verdade e da vida divina, de onde provimos. Graças a esse fruto, os gnósticos, de maneira maravilhosa, tinham o hábito de exprimir seu conhecimento por símbolos e imagens. Com grande inteligência, Valentino associa o fruto da árvore da vida ao Verbo divino, a Jesus Cristo, que encarna a vida, a verdade e a luz.

É “um fruto que não leva à ruína quando dele se



come [como o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal], porém tornou-se uma descoberta magnífica para aqueles que dele comeram”. Se vivermos de forças e de idéias divinas que esperam, em nós, que nos tornemos conscientes, então encontraremos em nós o Espírito, o Pai divino. Encontraremos Cristo, diz Paulo, e nos alimentaremos do fruto que não perece, Cristo em nós, as forças espirituais em nós. Ora, vivendo e agindo com as

A grandiosa linha de desenvolvimento da humanidade é, então, a seguinte: fomos criados pelo Pai, para conhecê-lo e com ele colaborar, porém, seduzidos pelo erro, nos apartamos dele. Trilhamos nossos próprios caminhos e criamos um mundo submetido ao erro, onde reinam caos, violência e falsa beleza. Mas o Pai, que desde o início deseja que o conheçamos, nunca nos abandonou em nossa ignorância e em nossa solidão. Ele envia-nos seu

Assim progride a influência do erro, o qual age sem a razão divina sobre a matéria

forças divinas, realizamos nosso verdadeiro destino. Então dissolvemos nossa consciência-eu separada de Deus em uma consciência unida a Deus, plena de Deus. Assim as coisas e as criaturas já não são objetos diante dos quais estamos como sujeito-eu: reconhecemos que todas elas estão em nós e fazem parte de nós. *Tat tvam asi*, tu és o ser.

Suprimimos a falta que surgiu por termos comido em voluntariosidade do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e vivemos da plenitude por sempre comermos do fruto da árvore da vida, das substâncias e forças espirituais que, como nosso verdadeiro eu, como o Cristo, estão em nós.

Verbo, seu coração, seu Filho, sua força em nosso coração para nos darmos conta de nosso desvio. No início, devido à nossa falta de fé, temos tendência a matar em nós seu Verbo e sua força, como Cristo foi morto pelos seus contemporâneos. Mas Cristo em nós jamais pode morrer definitivamente. No início, sem dúvida ele desaparece, rejeitado por nossa consciência. No entanto, nas profundidades do inconsciente, ele trabalha em nós e nos dá a intuição e o desejo de uma vida verdadeira e plena, chamando-nos para um caminho espiritual. E quando nos abrimos com fé para esse caminho, ele nos possibilita percorrê-lo. Nesse caminho nos

tornamos conscientes de nosso erro, e o conhecimento do Pai, da fonte primordial divina, torna-se ativo em nós. Isso significa que o Cristo em nós ressuscita. Então chegamos à meta de nosso desenvolvimento, pois quando o Pai em nós é reconhecido ele se torna ativo em nós. Colaboraremos com ele e construiremos uma vida e um mundo que estão de acordo com ele, que são verdadeiros. Portanto, o que reconhecemos quando o Pai, nossa fonte primordial divina, se manifesta em nós? Reconhecemos a estrutura e a atividade do mundo divino, o Pai, o princípio criador no universo e em nós. Reconhecemos a Mãe, o Espírito Santo, a vida, a força divina da realização. E reconhecemos o Filho, a luz, o homem espiritual perfeito, nascido do Pai e da Mãe.

É por isso que Valentino resume o caminho da humanidade através dos séculos do seguinte modo: “Assim, o Verbo emana do Pai para o universo, e deste emana novamente, como fruto de seu coração e filho de sua vontade. Ele sustenta o universo, elege-os [os seus], acolhe a forma do universo. A seguir, ele os purifica e os leva de volta ao Pai, de volta à Mãe: ele, Jesus, o infinitamente misericordioso”.

Isso sempre foi possível ao longo dos tempos. O Verbo do Pai é emitido continuamente no universo, e retorna com numerosos resgatados que voltam ao Pai. Indefinidamente, o Verbo manifesta-se em

O faraó Seti I leva na mão uma escultura de Ma'at, deusa egípcia que provê “verdade, equilíbrio e harmonia” e mantém a ordem no cosmo



“Falai, pois, de todo o vosso coração, vós, que sois o dia perfeito em quem habita a luz inextinguível.”

seres humanos para preenchê-los com a verdade libertadora e deles emana uma força, a força do Verbo.

E o Evangelho da Verdade proclama: “Falai, pois, de todo o vosso coração, vós, que sois o dia perfeito em quem habita a luz inextinguível. Falai sobre a verdade a todos os que a procuram e sobre a Gnose a todos os que pecam no erro”.

Em todos os tempos os seres humanos que entenderam o chamado e a ele reagiram de maneira positiva uniram-se para formar comunidades. Hoje, elas existem no âmbito do sofismo, do budismo, da cabala judaica e do cristianismo.

Os seres humanos que se abrem para o chamado da verdade no presente reconhecem por experiência própria que o Evangelho da Verdade confirma a verdade imemorable e atemporal. Essas pessoas poderão servir-se, no presente, em seu próprio caminho, dessa autêntica força espiritual do passado. “Assim como a ignorância é anulada pelo conhecimento, assim como as trevas desaparecem quando brilha a luz, assim se desfaz a carência na perfeição. E, a partir desse instante, também desaparecem as formas exteriores. Então, elas se elevam na Unidade [...] Por meio da Unidade, cada um acolhe a si mesmo. Porque, na Gnose, cada um depura-se da multiplicidade e entra na Unidade ao consumir a matéria em si, assim como o fogo [extingue] as trevas por meio de luz e a morte por meio de vida” ✪

da semana de verão

Uma reflexão sobre o clima exterior e interior, durante uma conferência em Edschult, Suécia

No entanto, no decorrer de períodos bastante longos, verificamos que, ocasionalmente, o clima pode sofrer mudanças dramáticas. Na idade do bronze, por exemplo, os países escandinavos gozavam de um clima ligeiramente mais quente que o atual. Havia vastas florestas de árvores enfolhadas e pântanos, e os homens viviam de pesca e caça. Eles deixaram monumentos grandiosos de pedras, inscrições e túmulos. Admiradores do sol, tinham grande conhecimento de astronomia, e supõe-se que o seu sistema social era matriarcal. Quando o clima tornou-se cada vez mais frio e após o período glacial o nível da terra elevou-se, as condições se alteraram radicalmente. As florestas de folhagem abundante e os pântanos deram então lugar às florestas de coníferas. Novas espécies animais e novas plantas apareceram, a cultura da idade do bronze desapareceu e novos tipos humanos surgiram com novos costumes e uma nova religião: a religião dos Ases.¹

Era o início da idade do ferro. O matriarcado relativamente pacífico foi substituído por um patriarcado cada vez mais bélico: o clima interno endureceu-se. Era como se as condições internas se alterassem de acordo com as condições externas! E podemos imaginá-lo de fato: o nosso humor não se altera conforme a mudança das estações? Não temos o mesmo entusiasmo, e sentimo-nos mais enérgicos ou mais cansados. No verão temos pensamentos diferentes dos do inverno, e a primavera inspira sentimentos diferentes dos do outono.

¹Na religião germânica, um dos grupos principais de deidades. Odin, sua esposa Frigga, Tyr (deus da guerra) e Thor eram os quatro Ases comuns das nações germânicas.

Os sistemas esotéricos e religiosos ensinam que a humanidade está sujeita a grandes ciclos de desenvolvimento. No Ocidente, fala-se de anos siderais cósmicos, de períodos de aproximadamente 26.000 anos, durante os quais o ponto vernal faz a volta completa ao longo do zodíaco. O ano sideral é dividido em doze períodos menores.

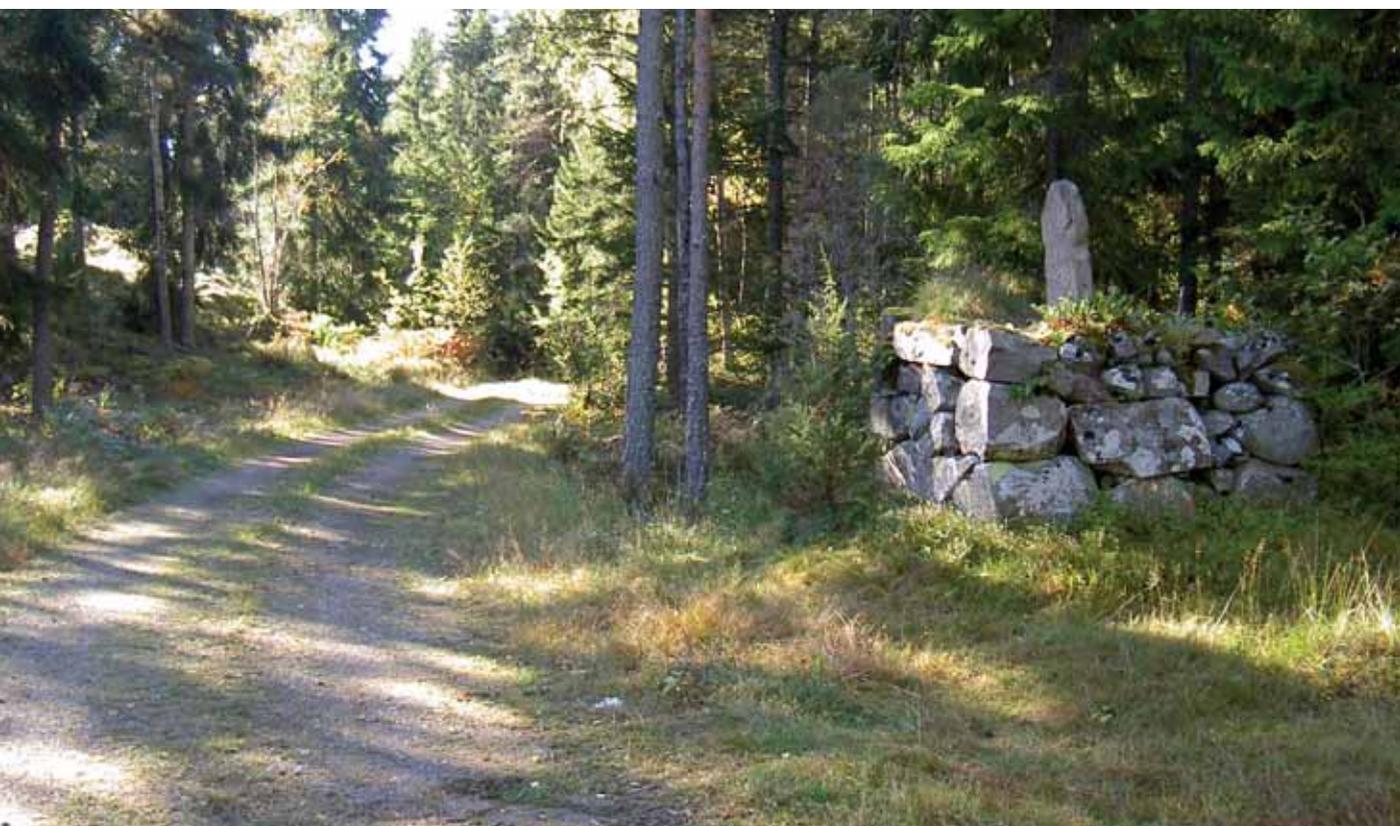
Encontramo-nos atualmente no fim da era de Peixes e no início da era de Aquário. É necessário observar que a era de Aquário invoca energias completamente diferentes das da era de Peixes; a consequência é que as condições de vida externas e internas ficam sujeitas a mudanças consideráveis. Os próprios fundamentos da existência humana são perturbados, e esse caos marca o início de novas condições.

Diz-se às vezes que o ser humano tem um grande potencial de crescimento. E é precisamente nesse período de mudança que existem possibilidades formidáveis de realização.

Temos em nós o necessário para concretizar esse potencial, e se colaborarmos com as forças de luz e de calor divinos, estarão presentes todas as condições e possibilidades para uma mudança e um desenvolvimento interior. Isso não é, contudo, um processo automático; há uma condição: é necessário que o antigo dê lugar ao novo, que uma reestruturação fundamental aconteça. No passado, as transformações das condições de vida ocorriam devido principalmente aos fatores sobre os quais o homem não tinha nenhum ou pouco controle. O homem não tinha controle sobre as mudanças interiores necessárias. Lemos em *A Doutrina Secreta* que, no passado, a humanidade

de 2008 na Europa

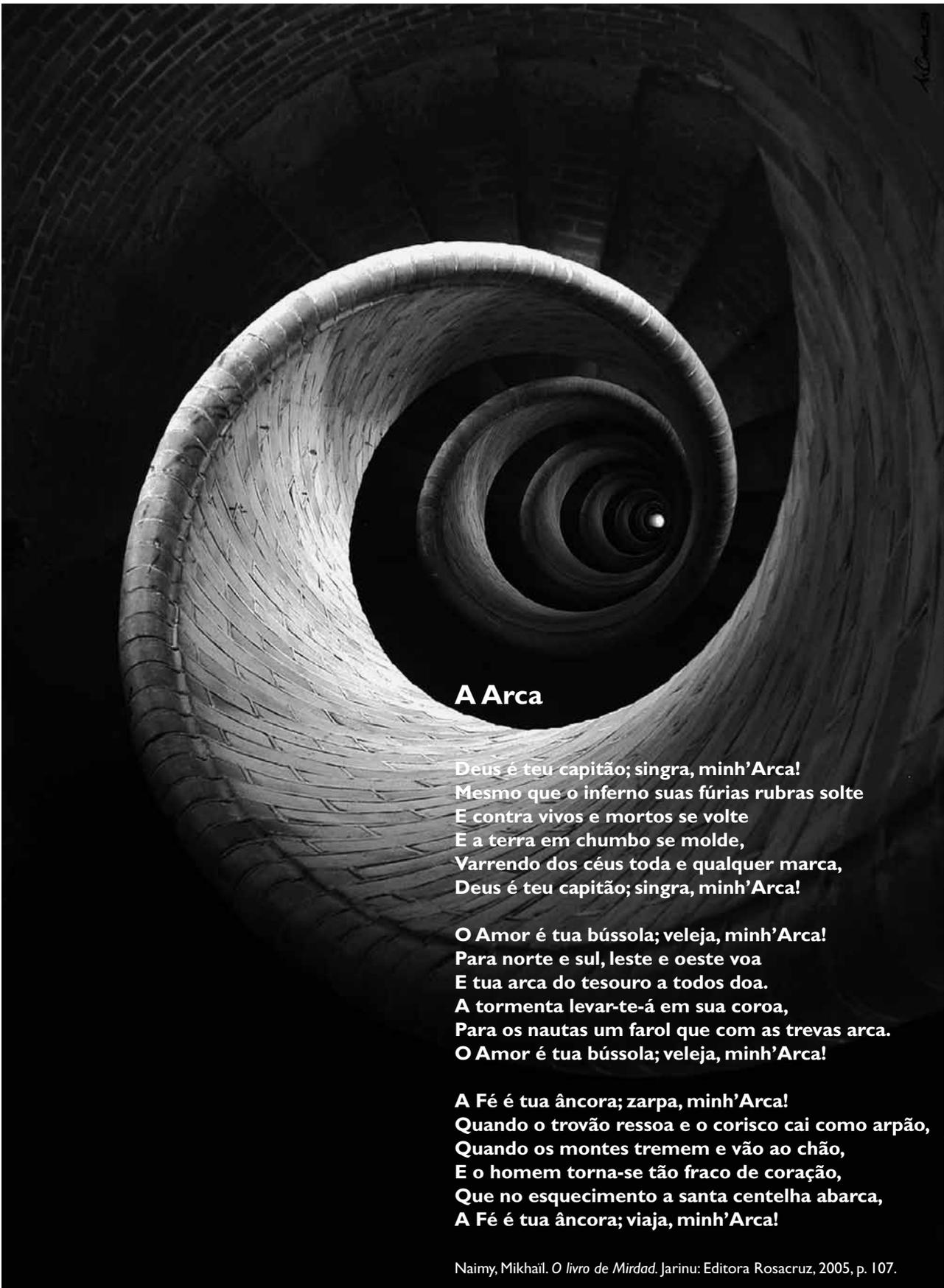
Nas regiões do hemisfério norte do planeta, a passagem do inverno para a primavera traz uma enorme metamorfose. Uma multidão de acontecimentos transforma tudo para adaptar-se às novas condições governadas e dirigidas pelo sol. O solo, que estava em repouso, degela, e uma terra nutriz e vivificante faz a natureza expandir-se inteira com a ajuda do calor e da luz. Esse processo segue um modelo relativamente estável..



Marco de fronteira nos arredores de Edschult, Suécia

era dirigida por guias e soberanos enviados pelas hierarquias superiores, que poderíamos chamar de anjos, arcanjos etc. Mas as mudanças climáticas atuais – pelo menos em parte – são causadas pelos próprios homens. Por isso, é evidente que deveremos assumir a responsabilidade, e será necessário fazer o possível para alterar a situação para a boa direção. Assim, é exigido que tomemos a responsabilidade por nosso clima interior, porque, se não

mudarmos interiormente de maneira positiva, tudo continuará evoluindo de maneira negativa. Deve ser possível viver em harmonia com a natureza em vez de perturbá-la. A pergunta agora é esta: temos realmente o desejo de procurar, no plano interior, algo maior que nós mesmos? Podemos deixar de dar importância ao nosso instinto de conservação e ao nosso egocentrismo e começar a viver em verdadeira comunhão e solidariedade?



A Arca

Deus é teu capitão; singra, minh'Arca!
Mesmo que o inferno suas fúrias rubras solte
E contra vivos e mortos se volte
E a terra em chumbo se molde,
Varrendo dos céus toda e qualquer marca,
Deus é teu capitão; singra, minh'Arca!

O Amor é tua bússola; veleja, minh'Arca!
Para norte e sul, leste e oeste voa
E tua arca do tesouro a todos doa.
A tormenta levar-te-á em sua coroa,
Para os nautas um farol que com as trevas arca.
O Amor é tua bússola; veleja, minh'Arca!

A Fé é tua âncora; zarpa, minh'Arca!
Quando o trovão ressoa e o corisco cai como arpão,
Quando os montes tremem e vão ao chão,
E o homem torna-se tão fraco de coração,
Que no esquecimento a santa centelha abarca,
A Fé é tua âncora; viaja, minh'Arca!

Naimy, Mikhail. *O livro de Mirdad*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2005, p. 107.

alocução durante uma noite em Noverosa

Não sou estranho. Pelo menos, acho que não. Sou como outros jovens de dezesseis anos. Diria que sou até comum. Faço tudo que se espera de alguém da minha idade: vou à escola, faço esporte, me apaixono e discuto com os meus pais; saio de férias no verão, e também tenho muitas perguntas: sobre o mundo e sobre mim mesmo, sobre minha posição nesta vida e neste mundo. A única diferença entre eu e os outros é que quero compreender. É por isso que faço perguntas. Isso parece aborrecer muitas pessoas. Mas quero realmente compreender. O que quero compreender? Bem, honestamente, mais ou menos tudo: Por que estamos aqui? Por que há tanta desigualdade, sofrimento, dor, e essa busca infinita por felicidade e por conforto? Porque ninguém está realmente feliz? Quero compreender tudo isso. Há respostas, sim, há. Mas nenhuma é realmente satisfatória. Às vezes tenho a impressão de que as pessoas se adaptam a qualquer resposta para evitar preocupações. É como se não quisessem ver a verdadeira resposta. Tudo o que parece mais ou menos plausível lhes convém, contanto que possam evitar de refletir. Sinto que existe mais, muito mais, quer dizer, que deve haver muito mais! Não pode ser só isso! O objetivo da vida deve ser algo mais. Toda essa miséria, todo esse sofrimento, não posso acreditar que seja por nada! Devo admitir: sei que há mais. Se o mundo é como é, sei que há um motivo. Como sei? Não posso explicar. Simplesmente sei. Poderíamos dizer que é um sentimento, uma intuição, mas é mais que isso. No mais profundo do meu ser, eu sei, simplesmente. Este mundo é construído com base em idéias evidentes. E os

sentimentos e as intuições não são reconhecidos perante as idéias racionais. É por isso que, em geral, guardo minhas idéias para mim. Isso faz que freqüentemente existam tensões. Porque minha cabeça, preenchida pelo conhecimento acumulado, não parece falar a mesma linguagem que o meu coração: as coisas que aprendi na escola e leio nos livros não estão de acordo com as coisas que ouço nos templos e durante nossas conferências. É como se houvesse dois mundos dentro de mim, um mundo externo e um mundo interno. Não me agrada ter de viver em dois mundos que não parecem de forma alguma concordarem entre si.

Para mim deveria haver apenas um único mundo. Acho difícil ser forte e apoiar-me no que sei interiormente. Chamam isso de intuição, mas prefiro chamar de conhecimento interior. Não posso provar que essas coisas são verdadeiras, mas sei que é assim, porque todos os dias vejo as provas em mim mesmo e à minha volta. Descobri que nem sempre foi assim. Houve épocas onde os sentimentos eram mais importantes que a razão. Antigamente, a ciência e a religião tinham o mesmo objetivo e completavam-se. Dois caminhos para o mesmo objetivo: a compreensão da realidade na qual vivemos. Com o tempo, as coisas se alteraram. No fim da Renascença, o mundo ocidental encontrou-se dividido entre o domínio material e o domínio espiritual. A ciência limitava-se ao concreto, ao visível, e a religião, ao invisível. Através dos séculos os cientistas acabaram dividindo nosso mundo em pedaços cada vez menores: primeiro em células, depois em moléculas, em seguida átomos, depois



Noverosa, o monte de areia e “a árvore solitária”, verão de 2008

em partículas subatômicas, elétrons, prótons e nêutrons, sendo que as duas últimas, por sua vez, são constituídas por quarks. E talvez no futuro os cientistas descubram partículas ainda menores. Mas, durante essas pesquisas, surgiu um problema em nível quântico, um termo geral para a investigação das partes menores que o átomo: os experimentos deram resultados incomuns, inexplicáveis por meios normais, convencionais. Então começou-se a perceber que talvez houvesse mais, neste mundo, do que se admitira até então. E agora cada vez mais cientistas reconhecem que os resultados de suas pesquisas parecem aproximar-se das ideologias das escolas e sociedades esotéricas e gnósticas.

Vivo num mundo racional, e meu cérebro pede respostas, provas. Considero que a prova física que procuro nesta vida talvez possa ser encontrada nos resultados dessas pesquisas. Mas não estou ainda satisfeito com as coisas que ouço: não quero saber

que o mundo é como é, mas por quê. Há tantos elementos diferentes que parecem explicar-nos como o mundo funciona: a estrutura do átomo, a energia do ponto zero, o *continuum* espaço-tempo, a dualidade onda-partícula das partículas subatômicas e a influência do observador sobre o comportamento dessas partículas. Tudo isso parece interessante do ponto de vista comum. Mas é necessário olhar de forma diferente se quisermos realmente compreender os efeitos desses resultados.

Há alguns meses, durante uma aula de biologia, foi-nos explicado o funcionamento de uma célula. O corpo humano compõe-se de vários tipos de células, cada tipo com suas funções e características próprias. Mas cada célula contém ao mesmo tempo toda a informação do corpo inteiro. Cada uma contém o mapa e toda a informação para a construção e a manutenção do meu corpo inteiro. Se for necessário, uma célula pode alterar de forma

ou função a fim de preencher os vazios. Ninguém sabe como uma célula sabe o que deve fazer e em que momento. Todas as células colaboram em harmonia perfeita, como um grande organismo que tem um único objetivo e é impulsionado por uma força desconhecida. Há algum tempo nosso professor explicou-nos a constituição de um átomo. Ele se constitui de um núcleo com um ou vários nêutrons e prótons ao redor do qual circulam elétrons. Por que os elétrons circulam ao redor do núcleo? Não tenho a menor idéia; eles simplesmente o fazem. O átomo é 99% vazio! Pode imaginar? Ao redor de um núcleo atômico do tamanho de uma moeda, os elétrons circulariam a uma distância de cerca de 10 quilômetros. Mas se todos os átomos, neste mundo, estão praticamente vazios, isso significa que tudo o que consideramos como material duro, sólido, na realidade não o é, de forma alguma! Então como poderíamos provar que a matéria é sólida se está vazia? ... E está realmente vazia? Sempre tentei imaginar um mundo onde o tempo e o espaço já não existissem. Mas até agora não tive êxito. Às vezes pareço percebê-lo de relance, mas não consigo exprimi-lo.

Em 1905, Albert Einstein mostrava na sua teoria da relatividade que o espaço e o tempo não são de forma alguma estáticos e lineares como acreditávamos. O tempo e o espaço são relativos à velocidade do objeto que observamos e à nossa própria velocidade. Em função da diferença de velocidade entre você e o objeto, o espaço pode diminuir ou aumentar, e o tempo acelerar-se ou retardar-se. De fato, nada neste mundo é absoluto ou estático.

Porque quando nos aproximamos do menor nível possível, tudo é dinâmico, tudo está em movimento e interação constante. Nesse menor nível, já não existem elementos nem partículas, só energia. Energia e possibilidades. Isso significa que tudo está ligado a tudo, tudo tem influência sobre tudo! Cada pensamento, cada sentimento, cada ação tem influência sobre o conjunto todo. Poderíamos dizer que encontramos assim a prova de que uma força universal está na base de tudo? Seria a prova da existência da Gnose? Ora, de onde vem esse impulso? Como tudo apareceu? De onde vem essa misteriosa energia, se teoricamente, não há mais nada?

A mecânica quântica revela ainda outro fenômeno interessante: a influência do observador. Quando observamos certa partícula, ela comporta-se de maneira diferente. Porque, quando não observada, uma partícula comporta-se de maneira diferente de quando é observada. Quando não é observada, em nível quântico, ela se comporta ao mesmo tempo como uma onda e como uma partícula. E quando não é observada, uma partícula encontra-se ao mesmo tempo em diferentes lugares do átomo. É o que chamam de superposição. Somente no momento em que o átomo começa a ser observado as partículas tomam uma posição fixa. Recordo-me desta velha pergunta: “Se um som é emitido mas ninguém ouve, ele é efetivamente um som?” Seria ele talvez apenas a possibilidade de um som? Como dizia Einstein: “Quando à noite olho o céu, vejo a lua. Mas se me viro de costas não sei se a lua continua lá!” Isso quer dizer que não posso nunca

ter certeza daquilo que vejo, e isso é certamente verdade. É apenas minha percepção, minha imagem, minha própria verdade. Minha vida está cheia de possibilidades e potenciais. Cabe a mim decidir como utilizar essas oportunidades. E todo o universo parece querer dizer-me algo: que não há algo como a individualidade. Não há nem eu, nem você, nem eles: fazemos parte da mesma criação. O que penso, sinto e faço, faz a diferença. É o que chamamos de efeito borboleta: “Se uma borboleta bate asas de um lado do mundo, isso pode desencadear uma tempestade do outro lado”. Imagine as possibilidades! Se um grupo de homens decide verdadeiramente voltar-se para a origem, para o estado primordial, se estiverem firmemente determinados e o demonstram por meio de seus atos, eles podem realmente provocar uma mudança profunda no mundo.

Cientistas agora também chegaram à conclusão de que a consciência humana tem influência sobre a realidade física no domínio subatômico. E se o nível subatômico for influenciado, então também os níveis atômicos, celulares e todos os outros serão. E, de repente, tudo torna-se claro. A prova que procurava encontra-se bem na minha frente. Encontra-se em mim, no meu corpo e por toda parte a meu redor. Se cada célula está sujeita ao impulso de uma força desconhecida, uma força que se manifesta no nível subatômico como um campo energético dinâmico, isso significa que, literalmente, tudo está ligado. Isso é tão diferente do que ouvimos no templo? As minhas perguntas não estão completamente respondidas. Tive algumas respostas, mas

existem outras que surgiram no lugar. Mas não tem importância. Elas forçam-me a continuar a busca, e continuarão a surgir até que eu atinja meu objetivo. Mas algo mudou: posso mesmo assim confiar na minha voz interna; já não tenho necessidade de questionar. Porque o próprio mundo, cada átomo, cada partícula deste mundo, confirma o que sinto interiormente e o caminho que devo seguir. Tenho uma confiança renovada, uma nova esperança. Se tudo ao meu redor descreve-me a realidade na qual vivemos, e se tudo me indica uma só direção, então por que esperar? O que me detém? Não há nada que me segure. E com essa sustentação não há falha.



Trabalhar em conjunto e formar um grupo. Semana do grupo de jovens alunos em “La Nuova Arca”

Impressões da conferência do grupo de jovens alunos em “La Nuova Arca”, Dovadola, Itália

O homem tem o hábito de ouvir, compreender, e de, literalmente, assimilar as palavras entendidas. Esse processo faz julgar uma pessoa de acordo com o vestuário e a aparência. Julgar de acordo com o exterior. Mas as palavras têm significados diferentes; elas são multidimensionais. São formas que transportam força, luz, calor e som. As palavras estão em movimento, vivem e criam a ordem. Para o buscador, para o aluno, as palavras do ensinamento universal contêm a verdade e operam como um remédio. Se as compreendemos e experimentarmos, as consideramos sob um olhar diferente. Elas mostram-nos então sua força, sua luz, sua radiação, e as assimilamos como um alimento muito especial, um alimento espiritual, porque sabemos que podem trabalhar para nós e através de nós se assimilarmos o que elas têm de essencial.

Será que entendemos quais são as conseqüências dessa nova compreensão e utilização da palavra? Que se chegarmos a uma nova abordagem, uma nova compreensão e utilização da palavra, então nos abriremos a uma nova percepção, a uma nova atividade? É a isso que todo buscador aspira: um novo entendimento, uma nova inteligência interior fundamentada sobre a força, a radiação, a luz. Porque no fundo se trata de extrairmos a força, a luz e a sabedoria do campo de radiação direto da Dou-trina Universal. Essa compreensão interna da única verdade, da sua essência, faz parte do processo por meio do qual a personalidade se prepara para a renovação alquímica que chamamos de transfiguração. Não é a transfiguração o objetivo único de toda a nossa orientação, de todos os nossos atos? Não se trata de tornar-se semelhante a Cristo



As fotos são de Daniël Schmidt; podem ser vistas em: <http://picasaweb.google.com/youngpupils2008>

e de cumprir sua missão sublime a fim de elevar e curar a humanidade pela oferenda de seu sangue? É esse nosso objetivo; e nada deve impedir-nos se realmente almejamos realizar a transfiguração. Declaramos isso com ênfase, porque a personalidade tende sempre a relativizar esse objetivo elevado e ao mesmo tempo concreto, colocando-o em segundo plano, conscientemente ou não, a fim de dedicar-se à suposta “realidade concreta”. E então dizemos: “Sim, isso acontecerá efetivamente um dia, mas, hoje, outra coisa acontece. O absoluto está muito distante de mim ainda, muito abstrato, muito elevado!” Mas verifiquemos mais de perto o que se esconde por trás dessa atitude. O que é que obscurece a perspectiva libertadora e nos coloca diante da dura realidade deste mundo como um fenômeno aparentemente inegável? Percebemos como essa postura nivela tudo assim que o

“concreto, evidente, visível” é posto em primeiro plano? Como isso priva o ser humano de seu objetivo mais elevado? Como a vida é, então, reduzida ao que “pode ser provado” em primeiro plano? Em nosso estado de aluno, em que somos sempre confrontados de modo consciente com o que há de mais sublime, podemos deslizar imperceptivelmente em direção a algo que nos faça relativizar o objetivo absoluto da libertação ou transpô-lo para fora de nós mesmos. Já não nos baseamos no fato de que atingir esse objetivo supõe atos conscientes, intencionais. É o que acontece quando nos deixamos influenciar por problemas que provocam divergências de opinião, quando colocamos em prática idéias e intenções que não têm relação alguma com a cura e a libertação da alma. Nesse momento, o buscador perde de vista seu objetivo elevado: libertar a alma. Ele já não luta pela vitória

nem oferece seu sangue em sentido libertador, mas desperdiça suas forças e seu sangue por nada. Além disso, envenena a si mesmo e, portanto, também os outros. E o resultado não é uma libertação, mas um envenenamento do sangue. No mundo onde vivemos, ninguém jamais concorda sobre os diferentes aspectos da existência, sobre os desenvolvimentos da existência e sobretudo sobre a maneira de realizá-los. Mas não é disso que falamos aqui! Não se trata aqui de um aspecto ou de outro, de certa opinião entre tantas outras; não se trata de um método para realizar algo nem de qualquer explicação, não se trata aqui de uma palavra ou outra. Não, amigos, não se trata de nada disso. Haverá sempre tantas visões e opiniões quanto há homens.

No que diz respeito à transfiguração, trata-se do caminho que realiza a cura do ser e o eleva ao nível mais alto – trata-se mera e simplesmente da manifestação e da demonstração do caminho divino, da verdade divina e da vida divina. E o caminho, a verdade e a vida divinas são uma realidade que se pode experimentar apenas ao realizar o caminho, ao conhecer e confessar essa verdade e vivenciar Deus. E para isso não existem palavras, nem símbolos, nem sinais. Somente o ser divino testemunha e manifesta-se aqui.

O ser divino é Amor. Esse Amor é a inteligência suprema. O Amor é a força de radiação do homem alma-espírito. Isso não quer dizer que devemos mostrar-nos amáveis e amigáveis devido a pensamentos humanistas ou sentimentos românticos. Não, o Amor com letra maiúscula é a inteligência suprema. É a força de radiação do novo poder de pensamento do homem alma-espírito. Essa

radiação tem uma qualidade totalmente diferente e manifesta-se num plano superior de maneira completamente diferente daquilo que os homens concebem como amor.

É necessário estarmos cada vez mais conscientes desse conceito e desse ponto de vista, e nos entregarmos a ele. Esse conceito e esse ponto de vista nascem da profunda consciência de nada querer além de estar a serviço do Amor e do Espírito. Trata-se, portanto, de ajustar nossa vida diária às exigências da vida da alma-espírito e direta e resolutamente agir com base nessa orientação. É a única tarefa que se apresenta a nós, e tudo o mais, tudo o que for necessário, decorrerá disso. Essa é a base da nova atitude de vida da qual tão frequentemente falamos ✨

fogo e água na alquimia

Na Doutrina Universal encontramos indicações de que a Alquimia nas eras e civilizações passadas era uma arte e uma ciência de transformação e libertação. O empenho e a dedicação dos pesquisadores alquimistas árabes e ocidentais da Idade Média para encontrar a chave dessa ciência perdida, ou restabelecê-la, implicavam em processos interiores. Alguns dos principais testemunhos foram conservados sob a forma escrita.

A Alquimia da qual temos conhecimento teve seu apogeu ao longo dos últimos séculos que precederam o cristianismo até o fim da Idade Média ou o começo dos tempos modernos, períodos nos quais se via a existência do mundo e da humanidade de maneira completamente diferente.

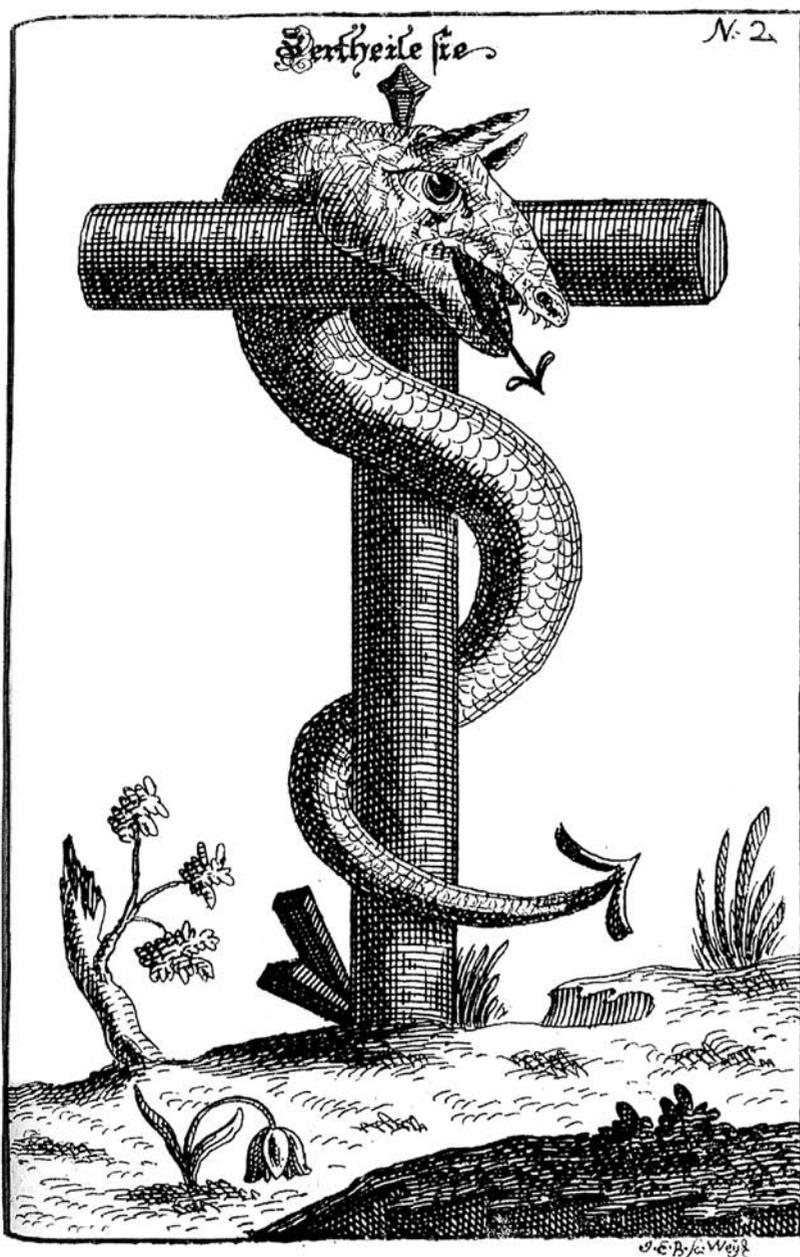
Com o passar do tempo, a Alquimia já não pôde progredir sob a forma de ciência reconhecida da transmutação ou transfiguração. Assim, essa ciência interior de purificação e transmutação do que é inferior em superior resultou pura e simplesmente na Química, na ciência da destilação ou da decomposição das matérias naturais, perdendo assim todo o poder de abrir aos seres humanos o caminho real da transfiguração. As ciências originais, das quais a Alquimia faz parte, estão novamente à nossa disposição quando encontramos o fundamento justo: um ânimo totalmente novo em harmonia com o universo; um comportamento que não causa mal algum a quem quer que seja, nem ao próximo, nem ao planeta, mas que procura continuamente o bem de todos. Nos tempos atuais, em que atingimos o ponto mais baixo do materialismo e um voltar-se para o interior se anuncia, sem dúvida será possível compreender a antiga linguagem alquímica do modo correto.

UMA COESÃO VIVENTE Para começar, é necessário ter coragem de mergulhar na grande quantidade de imagens e especificações que formigam nos textos alquímicos. Em seguida, é preciso pôr de lado nossa propensão para classificar as coisas por categorias e para pensar de modo linear. Nesses textos, as con-

dições não impedem de encontrar a verdade no caminho, e não devemos considerá-las incômodas nem perigosas.

Se nos comportarmos assim e perseverarmos, também nosso imaginário interior, além de nosso entendimento, pode tornar-se ativo. Então, de repente, se revelam os profundos significados que os autores dos textos alquímicos queriam transmitir a seus leitores. Assim, eles nos oferecem um rico presente: vemos o ser humano, o cosmo, o universo e tudo que se encontra aqui constituir um todo vivente em virtude de suas leis comuns e de sua interdependência. Vemos que não se trata de modo algum de compreender apenas sua forma exterior ou sua composição material. Aprendemos a nos dirigir ao essencial, ou seja: aos processos, às atividades nas coisas, à gênese e à transformação de tudo o que é criado e como, em todos os planos da existência, isso se realiza. Assim, chegamos ao grande axioma da filosofia hermética: “Assim como é em cima, assim é embaixo”. A evolução do cosmo e o futuro do homem (o microcosmo) não estão separados. E descobrimos que somos uma parte vivente da criação divina.

A CRIAÇÃO PELO FOGO E PELA ÁGUA Aqui, Religião e Alquimia se reúnem. As religiões monoteístas, atualmente professadas por muitos, baseiam-se no princípio que o Deus Único criou de si mesmo o céu, a terra, o homem e todas as outras criaturas. No relato bíblico da criação (Gênesis), fala-se das águas primordiais sobre as quais “se movia o Espírito de Deus”; depois, após a criação da luz e sua



A serpente crucificada, mercúrio vencido (ver p. 37). Em primeiro plano vemos uma árvore murcha, enquanto na árvore jovem brotam novos ramos. Abraham Eleazar (Pseudônimo), *Uraltes chymisches Werck*, 1735



Na Alquimia, a serpente simboliza o mercúrio fluido, a natureza de desejos humana, que o alquimista tem de “fixar”, crucificar. Em Pompéia a serpente simbolizava o candidato, o homem inferior, que, mediante sua oferenda no altar, se tornava digno de participar nos mistérios (79 d.C.)

“separação das trevas”, surgiu o mundo dividido entre céu e terra. Em seguida foi criado “o homem à imagem de Deus”, homem e mulher em um único ser.

Esse relato da criação representa uma idéia essencial extremamente importante que só é compreensível de maneira abstrata. Se Deus, o Único, se manifesta porque pensa a si mesmo, ele faz uma imagem de si mesmo, conseqüentemente do Um aparece imediatamente o dois: Deus oculto e sua manifestação divina, o criador e o criado, o ativo e o passivo. Esses são na Alquimia os princípios simbólicos do fogo (O Espírito) e da água (a matéria). Estes dois elementos, uma vez que provindos de Deus, não são diferentes de Deus. Assim, este último adquire em si os princípios contrários: masculino e feminino, criador e receptor, fogo e água.

É somente na segunda criação (o segundo capítulo do Gênesis) que acontece a separação entre o homem e a mulher, a mulher é formada do homem. Essa separação acarretou a queda: eles foram expulsos do paraíso. Para os gnósticos, foi a queda do homem nas trevas. A serpente impeliu Eva a comer o fruto da árvore do bem e do mal, e nosso espírito está habituado, há séculos, a considerar isso como uma conduta moralmente culpável. No entanto, poderíamos, ao contrário, considerá-la como o símbolo da nossa incompletude, da nossa falta de unidade e perfeição das quais tínhamos um desejo profundo. Podemos também interpretá-la além de todas as considerações morais. Os seres humanos, como imagem dupla de Deus, devem passar por uma nova fase evolutiva. Tendo passado da unidade à dualidade, eles podem obter compreensão e,

assim, de modo consciente e deliberado, retornar à unidade. Essa é a imagem da Alquimia. Muitas representações e relatos têm como tema o homem e a mulher e as diversas fases de sua reunião. A Alquimia alude a isso sob a forma de fogo e água, de enxofre e mercúrio, de sol e lua.

Os sábios da Idade Média e da Antiguidade eram universalistas. Eles dominavam numerosas discipli-

cimentos atuais consistem na soma de numerosos assuntos independentes. Na Alquimia, assim como nas doutrinas gnósticas e na filosofia hermética, a compreensão é completamente diferente: trata-se de um pensamento intuitivo que se sabe ligado à universalidade, à consciência da alma divina. Esse conhecimento, em todas as suas concepções, provém da vida interior vivente e vibrante que, se trabalhamos com ele, ressoa no homem.

Não havia um conhecimento árido sobre a natureza; todas as coisas eram ensinadas e vistas como parte de uma grande unidade

nas e não eram especializados como os de hoje. As grandes idéias que abriram novos caminhos foram encontradas por cientistas que, em linguagem moderna, faziam pesquisas sobre a natureza e a espiritualidade. Eles eram ao mesmo tempo astrônomos, matemáticos, (al)químicos e filósofos. Não havia um conhecimento árido sobre a natureza; todas as coisas eram ensinadas e vistas como parte de uma grande unidade. Quem explorava as profundezas da natureza extraía conhecimentos sobre a alma em si mesmo. E via a coesão entre o homem e a natureza, percebia a maneira pela qual o homem podia transcender a natureza. Hoje, temos a tendência a desprezar as visões “limitadas” da Idade Média e a achar o pensamento moderno mais livre, mais autônomo; no entanto, falta-nos a visão geral que possuíam os eruditos daqueles tempos. Os conhe-

Muitas idéias religiosas e filosóficas envelheceram, e hoje as encontramos apenas nos antigos infólios. Mas quem se arrisca a abrir seus pensamentos à “compreensão universal” – que apenas poucos possuem – aproveita essa rica herança. Trata-se do conhecimento antigo e atemporal em todas as diferentes linguagens, por exemplo, na linguagem religiosa, filosófica ou alquímica. A expressão “compreensão universal” mostra ser possível traduzir as idéias alquímicas para a linguagem hermética ou religiosa e inversamente. Se traduzirmos o relato bíblico da criação para a linguagem alquímica, obteremos mais ou menos o seguinte:

A matéria prima, a substância primordial que constitui o universo, é um “todo”: um círculo ○ que representa o caos como substância ou

possibilidade indiferenciada. “O Todo tem a figura do ovo porque, em sua forma indiferenciada, tem em si a possibilidade de um desenvolvimento e de uma manifestação. Ele dorme nas profundezas de cada ser e se manifesta na plenitude das formas caóticas presentes no espaço e no tempo do aqui embaixo.”

A matéria prima é o princípio receptor, a água que, vitalizada pelo fogo espiritual divino, toma forma, se estabiliza. Daí vem o símbolo do círculo marcado por um ponto no centro ☉. Essa água é a água misteriosa, a água viva ou água eternal; ela corresponde ao mercúrio alquímico. Fala-se também da “água mercurial”; tudo é composto de água mercurial. O símbolo anterior ☉ é, pois, a representação do começo e do fim das transformações alquímicas.

No século 17, o alquimista e defensor da Fraternidade da Rosacruz, Robert Fludd (1574–1637), declarou: “Tudo que está oculto daquilo que está oculto quer manifestar-se e começa pela aparição de um ponto luminoso. Antes que esse ponto luminoso surja e apareça, o infinito (o Ain Sof dos cabalistas) está completamente oculto e não emite luz alguma. Pela criação divina o ☉ torna-se ☉. Quando Deus diz no Gênesis: “Que haja luz”, isso significa que o Espírito, o fogo, inflama a água primordial. Essa água inflamada é Espírito ou água de luz. Apareceram então as formas originais que constituíram o universo.

MERCÚRIO E ENXOFRE NA ORDEM DA DUALIDADE Assim que da matéria prima apareceu uma

forma diferenciada inflamada pelo fogo, surgiu nesta natureza a dualidade do elemento fogo e água, ou masculino–feminino. O ☉ ainda não diferenciado, o Caos, receptor, passivo, submisso, feminino, ligou-se ao princípio criador, ativo, diretor, masculino, representado pelo ponto •, para formar uma ordem vivente (um cosmo) ☉. Foi por essa ação do fogo sobre a água primordial que apareceu o homem à imagem de Deus, um microcosmo onde o masculino e o feminino ainda estavam unidos. Foi somente depois da queda que esses dois princípios aparecem separadamente. O mundo originou-se deles. Para marcar a diferença entre o mercúrio originalmente inflamado e o mercúrio inferior de nosso plano de vida, a Alquimia emprega dois símbolos:

 **Merc. Arg. vif.**

O conhecido símbolo de mercúrio ☿ é constituído, de baixo para cima, por: a cruz dos quatro elementos +, o círculo representando o sol, e sobre ele a meia lua – que pode também representar os chifres do carneiro, que é um símbolo milenar da força do fogo, força masculina, ativa e criadora. Nesse símbolo o alquimista vê a força do fogo e da água originais da manifestação primordial divina. A meia lua, ou foice, significa o mercúrio depois de sua separação, portanto o mercúrio na nossa dualidade cósmica. A lua simbólica desse símbolo é aquela que recebe e reflete a luz do sol. Ela dirige a



“Pelo elemento para os elementos”:
Hermes, com o caduceu (bastão com as serpentes) em uma das mãos e os sete planetas na outra, desce ao hades, a fim de libertar o elemento-luz.
 Baro Urbigerus, *Besondere chymische Schrifften*, 1705

Aqui, a representação simbólica do enxofre, o princípio do fogo, está clara. O símbolo do enxofre na ordem da dualidade é a cruz dos quatro elementos +, sobre a qual se encontra o signo do fogo, o triângulo orientado em direção ao alto Δ .

Δ Souphre.

No entanto, o enxofre puro da manifestação original divina é, para o alquimista, simbolizado pelos chifres bifurcados do carneiro Υ . Esse enxofre superior é o enxofre espiritual.

ÁGUA CONGELADA E ÁGUA CORRENTE Assim como as principais religiões, a Alquimia baseia-se na idéia de que o ser humano atual já não corresponde à díada pura original. \odot . O alquimista não se ocupa com a questão do por que isso é assim, ele procura a via que, da dualidade, leva à unidade, à união dos contrários. Para exprimir que, na dualidade, domina sempre um dos dois princípios, os alquimistas distinguem dois estados, a água congelada e a água corrente. A água corrente simboliza a lua dominante, o efêmero e o vir-a-ser, portanto o mercúrio inferior: a natureza na qual vivemos se explica, portanto, pela atividade da água corrente, as forças lunares que nos influenciam. Na transmutação alquímica, essa força é utilizada no processo da dissolução (*solve*), seguido da concentração ou estabilização (*coagula*). Na linguagem de Jacob Boehme esse fenômeno é comparável “ao inverno quando um grande frio transforma a água

vida terrestre. Ela está relacionada com o mercúrio, e o sol com o ouro flamejante. Misticamente falando, a lua é a bem-amada do sol, e a alma humana pode ser o espelho do Espírito até que sua união aconteça.

A elevação sublime da alma até Deus, a transmutação alquímica do vil metal em ouro puro, só pode realizar-se se a água receptora e o sol vitalizador estiverem perfeitamente puros. O alquimista deve ser mestre da água e do fogo, do mercúrio e do enxofre, a fim de fazer os elementos agirem na justa proporção.

Des premiers Caractères.

- Le Point.
- La Ligne.
- Le Cercle.
- ⊂ Demy Cercle.
- └ Ligne reflexe.
- △ Le Triangle.
- Le quarré.
- ⊕ Fig. de la Croix.
- ⊥ La Voyelle L
- ∨ La Voyelle V
- ⊗ La Confone X
- ⋈ La triplicitéignée

Caractères & Signatures des Elemens.

- Terre. ⊖ Scl.
- ∇ Feu. ⚊ Souph.
- * Air.
- ⊙ Eau. ♀ Mercu.

Caractères & signatures des Planettes & des Metaux.

- ♄ Saturne. Plomb.
- ♃ Iupiter. Estaim.
- ♂ Mars. Fer. Acier.
- ☉ Le Soleil. L'Or.
- ♀ Venus. Cuivre.
- ♁ Merc. Arg. vif.
- ☾ La Lune. L'Arg.

Caractères & signatures des Mineraux.

- ⚊ Souphre.
- Tartre.
- ∇ Vitriol.
- ⊖ Sel commun.
- * Nitre.
- ⚊ Antimoine.
- ♀ Cinabre.
- ∇ Eau Forte.

em gelo”. A esse respeito, os alquimistas falam do fogo frio ou do fogo ardente. Assim que uma dessas forças age, aparece uma interrupção, uma mudança, por exemplo, uma dissolução ou uma estabilização.

A NATUREZA VENCE A NATUREZA É apenas quando essas duas forças se unem que o homem se torna novamente a imagem de Deus. Na linguagem religiosa, encontramos esta fórmula no Evangelho de Tomé:

“Jesus declarou: se reduzirdes dois a um, se fizerdes o interior como o exterior, e o exterior como interior, se fizerdes o de cima como o de baixo, se fizerdes um o masculino e o feminino, de maneira que o masculino já não seja masculino e o feminino já não seja feminino [...] então entrareis no reino”. (logion 22)

“Quando éreis um, tornaste-vos dois; mas agora que sois dois, que fareis?” (logion 11)

A Alquimia dá precisamente a mesma definição da transformação da natureza. A fórmula: “A natureza desfruta da natureza, a natureza domina a natureza, a natureza governa a natureza” é atribuída a Ostanen. A natureza desfruta da natureza significa que a força cega de mercúrio impulsiona o homem a seguir seus instintos e cobiças; e como resultado, a matéria o domina. É compreensível que se pense que o mercúrio não estabilizado, ☉, que não tem centro, age na natureza inferior como um impulso cego, sob forma de uma sede ardente, de um desejo irreprimível, de uma fome cega de prazer.

A expressão “a natureza vence a natureza” quer dizer que não é um deus superior que possibilita a transfiguração do homem natural, mas que tudo o que é necessário para isso está oculto na natureza humana. Se seguirmos as regras da Arte, haverá transformação assim que o chumbo da natureza mortal se transmutar no ouro do Espírito. Quando atingimos esse terceiro estado, a natureza domina a natureza, e o círculo adquire um centro ☉, imagem de um ser de água e de fogo,

cuja matéria e espírito foram unidos pela água flamejante da alma.

OUROBOROS, A SERPENTE DO MUNDO As mesmas analogias estão também representadas na Alquimia. O círculo do mercúrio não está longe do ouroboros, a serpente que morde a cauda. Em muitas representações gnósticas do mundo, ela envolve o mundo da criação, como nos gnósticos ofitas. A palavra grega *ophis* significa serpente. Jacob Boehme descreve a maneira como o diabo seduziu a pobre alma amarrando-a à “roda de fogo do princípio da natureza”. Essa roda dos desejos ardentes é uma imagem do

As palavras de Jacob Boehme acima evocam claramente a relação entre os princípios da Alquimia e a expulsão do paraíso relatada na Bíblia. Na Bíblia se fala também da serpente que inspira Eva. Quando Jacob Boehme fala do mercúrio de fogo, ele mostra a ação que este exerce sobre o ser humano. Para o homem, o mercúrio é a água ardente que, em seu aspecto inferior, é o fogo astral do desejo. Deve-se aprender a dominar essa força para transformá-la em mercúrio superior.

Se a água mercurial ainda não está estabilizada, o ser humano corre o risco de sofrer novamente a força fatal da queda. Isso corresponde ao triângulo que

“A natureza vence a natureza” quer dizer que não é um deus superior que possibilita a transfiguração do homem natural, mas que tudo o que para isso é necessário está oculto na natureza humana

demônio que disse à alma: “Eu também sou o mercúrio de fogo quando te inspiro o desejo de te entregares a esta arte. Mas tu deves comer um fruto que te fará entrar lá onde os quatro elementos reinam uns sobre os outros, cada um por si, e estão, portanto, em conflito.” Então, nessa alma, despertam todas as características da natureza, de modo que a cobiça e a luxúria se lhe tornam familiares. No sentido alquímico, trata-se do estado que exprime a fórmula: “a natureza desfruta da natureza”.

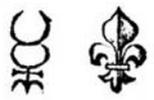
O microcosmo humano passa, então, a sofrer a influência do mercúrio instável.

tem uma das pontas dirigida para baixo, o símbolo da água da Alquimia. Essa energia dissolvente opera de maneira indiferenciada e caótica sobre tudo o que é estável. É por isso que a serpente morde a cauda.

O alquimista pode utilizar essa atividade dissolvente no momento de seu processo de transmutação, se ele souber dirigi-la. O processo começa sempre pela dissolução seguida da coagulação, *solve et coagula*. Muitos mitos antigos relatam simbolicamente sobre essa força descontrolada do mercúrio que deve ser vencida, a fim de que já não seja capaz de causar

- ☿ Mefcure Phil.
- ♁ Æs vftum.
- ☿ Sublimé.
- Teste morte.
- ⚡ Vinaigre.
- ⚡ Creufel.
- Ⓜ Bain Maric.
- Ⓜ Bain vaporeux.
- SSS Lit fur lit.
- ℞ Quan. Suff.

*Figure de l'efprit uni-
verfel où se trou-
vent les autres Fi-
gures & Cara-
cteres.*



*Les Caracteres des Marcafites fe marquent
en attachant la figure O. ou une ligne au
Caractere des Planettes.*

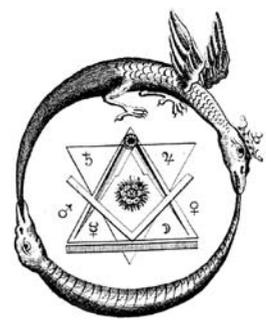
- ♁ Marcafite de Plomb. Antimoine.
- ♃ Marcafite de Iupiter. Arfenic.
- ♂ Marcafite de Mars. Calamine.
- ♁ Marc. d'Or. Soleil. Talc rouge.
- ♀ M. de Venus. Cuivre. Pyrite.
- ♁ Marcafite de Mercure. Cryftal.
- ♁ Marcafite de Lune. Azur.

danos. A serpente corresponde ao dragão, contra o qual o candidato deve lutar.

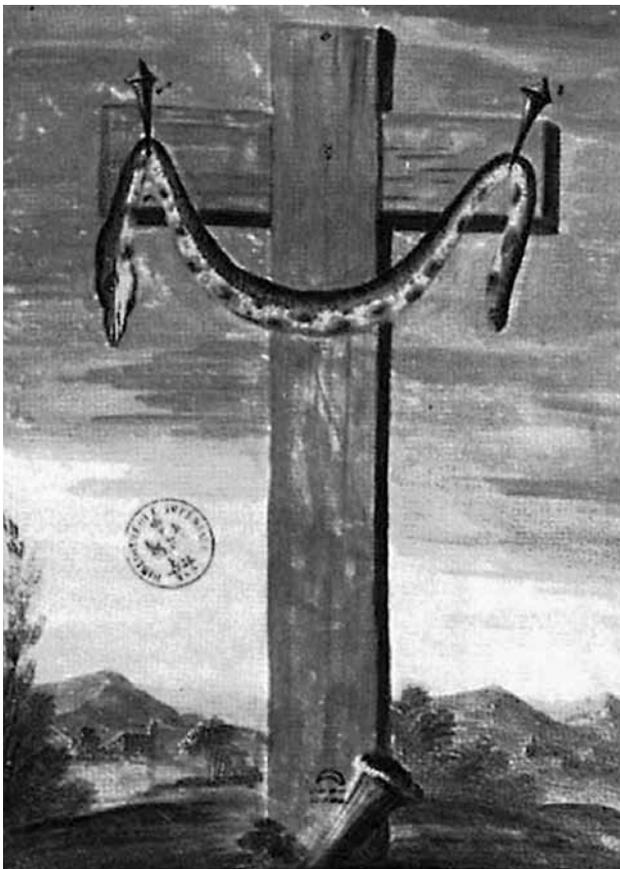
O dragão e o touro são figuras herméticas, representações dos heróis de natureza fundamentalmente rebelde como Mitra, Jasão, Apolo, Hórus e outros combatentes. Esses seres (os dragões) são considerados pelos alquimistas como “verdes” e “sem direção”, pois ainda não adquiriram a maturidade, ou seja, eles ainda não se submeteram à força que os transformaria para alcançar uma ordem superior. Em muitas ilustrações, o círculo é constituído de duas serpentes ou dragões, cada um mordendo a cauda do outro. Um deles tem asas.

O célebre alquimista Nicolas Flamel (falecido por volta de 1413) disse sobre esse assunto:

“Olhai bem esses dois dragões, eles representam o autêntico começo da Filosofia, a qual não era permitida aos sábios revelar aos próprios filhos. Aquele que está em baixo e não tem asas representa o que é fixo e estável: aquele que denominamos o homem. A serpente em cima é a mulher, obscura, sombria e mutável. O primeiro é o enxofre, ou o calor e o seco. O outro é mercúrio, ou o frio e o úmido. Quando os dois se unem e assim se transformam em quinta-essência, são capazes de vencer tudo o que é duro, sólido e metálico”.



A SERPENTE CRUCIFICADA Nicolas Flamel mostra em suas ilustrações uma serpente crucificada para exprimir que o mercúrio dissolvido deve ser vencido. A cruz de quatro hastes refere-se aos quatro elementos do qual o mundo é composto. No ponto de interseção se encontra o quinto elemento, a quinta-essência. Quem prega a serpente na cruz estabiliza, fixa o mercúrio.



Estes símbolos remetem-nos ao caduceu, onde duas serpentes se entrelaçam em direção ao alto. Trata-se de uma alusão à união dos contrários. A haste que se eleva entre elas é o símbolo do fogo serpentino, o aspecto espiritual da coluna vertebral. Quem quer que, graças a essas numerosas ilustrações, penetre os conceitos e os símbolos até a compreensão fundamental do fogo e da água na criação, dispõe de um importante instrumento. Assim,

pouco importa se falamos do mercúrio, da água, do fogo, da lua, da prata ou do enxofre, do fogo, do sol ou do ouro; todas essas denominações enigmáticas têm um sentido, e compreendemos o essencial. A consequência disso é um pensamento que já não considera as formas aparentemente petrificadas, mas a ação das energias, um pensamento que abrange a coesão de toda a criação ♣



alguns pensamentos sobre

Em sua obra *Alquimia na Idade Média*, B.D. Haage faz referência a um escrito do século 3 de nossa era, a *Physika kai Mystika*. As purificações e os processos iniciáticos ocorriam na obra alquímica da mesma forma que no espírito do alquimista.

As metáforas recorrentes sobre sofrimento, morte e ressurreição têm suas raízes na mística dos antigos mitos e cultos dos mistérios que acompanham a existência humana desde tempos imemoriais. Ele escreve que, graças à Alquimia árabe, a arte médica tinha lugar na Alquimia e mostra a importância particular de Paracelso e de seus discípulos nesse assunto.

Eles já não limitavam o ensinamento hermético sobre os processos alquímicos aos sais minerais, mas utilizavam-no também, até mesmo com maior efetividade, para as matérias vegetal e animal. Assim, ele eram capazes de produzir a “pedra vegetal” e a “pedra filosofal”. Dessa forma eles descobriram a panacéia universal, o remédio universal.

O conceito “alquimia” provém das traduções dos textos árabes do século 12: *al-kimiya* em árabe, traduzido em latim por *akimia*, *aquimia* ou *alchimia*. Alberto, o Grande (1193-1280) fala da Alquimia como sendo a arte nova, *ars nova*. O autor remonta a palavra *chemia* ao Livro de Enoque, citando Zózi-mo. No período sassânida (224-651) foi instituída a academia de Jundishapur e outros centros científicos no Egito. Neles eram utilizados textos traduzidos do grego e de outros idiomas sobre Matemática, Física, Astronomia, Geografia, Medicina e também Alquimia. Vários textos alquímicos provinham de

traduções oriundas da Pérsia e da Mesopotâmia. Entre os autores traduzidos havia Tales, Pitágoras, Empédocles, Demócrito, Sócrates, Platão, Aristóteles, mas também escritos herméticos como a *Tabula Smaragdina* (Tábua de Esmeralda). Através da Espanha, muitos escritos árabes traduzidos para o latim chegaram aos alquimistas da Idade Média.

H.W. SCHÜT inicia sua história da Alquimia pelo Antigo Egito. Ele vai longe ao afirmar que o Serapeum (o templo do deus Serápis) é a prova de que a religião e a filosofia gregas haviam sido profundamente influenciadas pela religião egípcia. Como conseqüência, surgiu no final da Antiguidade uma síntese da Religião, da Filosofia e da Medicina, síntese determinada pelas idéias e conhecimento dos antigos alquimistas. Eram os médicos que se ocupavam da farmacologia. Os gregos apreciavam muito a arte médica egípcia, particularmente a anatomia. Em certas receitas empregadas pelos alquimistas reconhecemos a influência grega: a matéria de muitos escritos alquímicos, como os textos gregos, procedem da arte médica. As experiências sobre o tratamento alquímico dos metais servia para o tratamento de todo tipo de doenças. Os processos da digestão, da fermentação e da putrefação desempenhavam grande papel na Alquimia. Os alquimistas precederam a chegada dos químicos. Em um resu-

Heinrich Khunrath mostra nas ilustrações de sua obra *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae* (Anfiteatro da sabedoria eterna), de 1595, que era adepto da Alquimia espiritual, a qual, do mesmo modo como os rosacruzados algum tempo depois, liga a filosofia cristã com a filosofia hermética

o conceito alquimia



mo da filosofia da Rosacruz do século 17, Roland Edighofer escreveu: “No século 17, como consequência da literatura dos rosacruzes, muitos leitores conservaram o lado maravilhoso de suas mensagens bem como a Alquimia a elas associada”.

Qual era, no século 17, o direcionamento espiritual dos rosacruzes sobre a Alquimia e a Química nascente, sobre os alquimistas e os químicos? Reconsiderando a Alquimia e os alquimistas, podemos afirmar que apenas a Alquimia era compreendida como sabedoria misteriosa que levava a grande elevação, sabedoria que abarcava algumas pessoas favorecidas pela graça. Isso harmoniza bem com a imagem do alquimista tradicional, mas de modo algum com a do cientista moderno. Porém, o *páthos* da Reforma, a ruptura com a tradição, já não se harmoniza com a imagem do adepto tradicional. Vários escritos rosacruzes referem-se à *prisca sapientia*, a tradição de um saber original que remonta a Adão e Moisés.

PETER MARSHALL começa sua busca pela “pedra filosofal” na China, depois a Alquimia o leva à Índia, ao Egito, aos países árabes e à Europa, a fim de encontrar a iluminação hermética. O professor Zhao Kuang Hua, ao ser indagado sobre a alquimia chinesa, responde: “Ela data de aproximadamente duzentos anos antes de nossa era, mas não sabemos precisamente. A Alquimia provém do taoísmo. Todo alquimista é um taoísta, mas nem todos os taoístas são alquimistas. A Alquimia é um aspecto do taoísmo”. A Alquimia chinesa está fundamentada em três idéias principais sobre o cosmo – os conceitos chi, yin e yang – e a teoria dos cinco elementos.

Chi é freqüentemente traduzido por “energia”; ele circula pelo corpo e pelo universo. Ele penetra tudo; podemos designá-lo como a força vital. Ele não é invisível. As coisas materiais são constituídas por ele: ele lhes dá estrutura e características. Os dois princípios yin e yang são duas forças complementares que agem no universo e estão submetidas a uma forma de fluxo e refluxo. Assim como é descrito no *Tao Tê King*, o yin e o yang envolvem os seres vivos. A harmonia de sua vida também depende da harmonia desses dois princípios. O Tao produz uma energia própria e gera com a energia do yin e do yang.

Os caracteres chineses que o representam estão associados à escuridão e à luz. Yin está ligado à sombra, à escuridão e ao norte da colina; o yang está ligado à claridade, ao sol e ao lado sul da colina. Nos textos alquímicos da China, o yin é representado pelo tigre, a água e a mulher; o yang pelo dragão, o fogo e o homem. O alquimista esforça-se por retornar ao processo original da separação do yin e do yang para proceder à sua reunião, em si mesmo e no laboratório, a fim de fazer surgir o elixir áureo da imortalidade. O terceiro elemento de base da Alquimia chinesa é a teoria pela qual todos os processos e todas as substâncias do universo são ligados com base nos cinco elementos (*wu hsing*). A teoria dos cinco elementos remonta ao décimo século antes da nossa era. O mais importante nela é que os cinco elementos correspondem não a cinco tipos de materiais fundamentais, mas sim ao conceito ocidental de quatro elementos. O pensamento chinês ocupa-se dos processos, não das substâncias. Esses elementos nada têm de passivos;

A atividade alquímica da Rosacruz opera como um remédio para a cura de toda a humanidade

são cinco forças poderosas em movimentos cíclicos. Os cinco elementos intrínsecos de um ser humano são a essência, a compreensão, a vitalidade (*ching*), o espírito (*shen*) e a energia (*chi*). Os dois primeiros constituem a consciência, os três outros são conhecidos como os três tesouros. Os cinco estão ligados aos planetas visíveis a olho nu: Mercúrio-água, Marte-fogo, Júpiter-madeira, Vênus-metal e Saturno-terra. Admitindo que cada planeta emita um som com certa frequência, falamos também da “música das esferas”. Na raiz da Alquimia chinesa está a crença de uma rede complicada e muito fina que liga entre si todas as partes do universo que constituem o imenso Tao. Trata-se de um modelo de organização. Tudo confere energia a tudo. Tudo trabalha em harmonia, e nenhuma parte é mais importante que a outra. “O Tao do céu trabalha misteriosamente e em segredo; ele não tem forma definida; não segue regra fixa; ele é tão grande que jamais chegamos a seu fim; é tão profundo que é insondável”. A Alquimia, que combina filosofia e religião, psicologia e arte, teoria e prática, visão e experimentação, é única. É uma ciência “holística” que abarca ao mesmo tempo corpo, intelecto e espírito, considerados como um todo. Os alquimistas chamam seu trabalho de *Opus Magnum*, a “Grande Obra” ou “a Obra”, compreendendo o trabalho externo de experimentos em laboratório e o trabalho interno de auto-aperfeiçoamento. Todas as experiências no laboratório têm uma dimensão moral e uma dimensão espiritual. O alquimista aplica o princípio “assim como é em cima, assim é embaixo, e o que está no exterior é como o que está no interior”. A transformação da matéria exterior é o

reflexo da transformação interior da alma. A descoberta da “pedra filosofal” é expressão simbólica da completude interior do alquimista. Há, portanto, duas interpretações possíveis da Alquimia, a exotérica e a esotérica. A exotérica é a ciência prática da preparação e da transmutação do metal em ouro bem como do prolongamento da vida.

Esse aspecto desempenha um papel chave na história e no desenvolvimento dessa ciência. Para a tradição esotérica, a transmutação em ouro é uma atividade simbólica: o ser humano esforça-se por mudar sua matéria fundamental em puro espírito, quer dizer, em ouro da iluminação espiritual. Desde tempos muito antigos, a tradição esotérica revela verdades sobre a estrutura do mundo, o lugar da humanidade no universo, a meta da vida e a natureza do Espírito.

Alquimistas célebres são Paracelso, o pai da farmácia moderna, Johannes Baptista van Helmont, que demonstrou a existência do gás, Johann Friedrich Böttger, que descobriu, na Europa, a fabricação da porcelana, e Robert Boyle, que estabeleceu os fundamentos da química moderna. Fato digno de nota: Isaac Newton freqüentemente mergulhava nos escritos dos alquimistas.

AVISÃO DA ESCOLA ESPIRITUAL DA ROSACRUZ ÁUREA sobre Alquimia foi apresentada por J. van Rijckenborgh da seguinte maneira: há duas concepções de Alquimia. A primeira, errônea, é que ela representa a transmutação dos vis metais em ouro; a segunda, correta, é que ela representa a transmutação dos metais espirituais em ouro do Espírito. Esse ouro deve livrar-se de tudo o que é inferior

para ser sublimado em ouro superior.

É o verdadeiro objetivo que cada ser humano deve perseguir. Mas isso ainda nada diz da Alquimia dos rosacruzes. Qual é ela? Trata-se evidentemente da rejeição de qualquer impureza. Vivemos na esfera química do mundo material e chegamos ao nível mais baixo, à maior materialização. Este mundo é constituído de elementos, forças, minerais e metais. Mas ele é trespassado por uma essência espiritual: a força de Cristo.

A ação dessa essência espiritual é impulsionar sem descanso a evolução da vida para restabelecer o mundo material em sua pureza original. Todas as escolas de mistérios colaboram nessa obra de Cristo. Atrás de cada processo de despedaçamento e de renovação está a Ordem da Rosacruz, que age em todos os planos. Essa é a Alquimia, a Alquimia da Rosacruz. Ela influencia todos os domínios da Ciência, da Arte e da Religião.

Trata-se para ela da renovação da humanidade: a liberação do ouro do Espírito. A atividade alquímica da Rosacruz opera como um remédio para a cura de toda a humanidade.

UMA SINOPSE SOBRE ALQUIMIA não está completa sem uma referência a Carl Gustav Jung, que se interessava por ela no plano psicológico. Para ele, as idéias alquímicas inovadoras provavam ser de grande importância para a Filosofia e para a Psicologia. Duas de suas obras surgiram em Zurique sob o título *Psicologia e Alquimia*, em 1944, e *Mysterium Coniunctionis*, em 2 volumes, em 1956. Essas duas obras têm por objeto a separação e a união dos contrários no plano do inconsciente ou

da alma, exatamente como expõe a simbologia da obra alquímica.

Segundo sua própria visão, ele faz um apanhado e dá uma explicação das correspondências entre a alquimia do buscador da “pedra filosofal” e a do buscador da “idéia-Cristo” ☸

Fontes

Haage, Bernard Dietrich. *Alchemie im Mittelalter, Ideen und Bilder von Zosimos bis Paracelsus*, Düsseldorf: Artemis und Winkler, 1996.

Marshall, Peter. *The Philosopher's Stone*, Macmillan, 2001.

Rijckenborgh, J. van. *O Confessio da Fraternidade da Rosacruz*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1987. Muitos outros livros deste autor tratam sobre o tema Alquimia.

Schütt, Han Werner. *Auf der suche nach der stein der Weisen, Die Geschichte der Alchemie*. Munique: C.H. Beck, 2000.

a lei amorosa

Determinadas energias moldam nosso campo de vida e nosso campo de consciência coletivos. A que forças nós reagimos? Somos impulsionados ao longo da vida por nossa herança genética? Ou somos capazes de mudar essa influência de maneira fundamental e estrutural? Para isso é necessário sondar a característica do carma, a força de Nêmesis.

CARMA-NÊMESIS

O homem do século 21 está acostumado com o pensamento de que radiações e campos eletromagnéticos penetram e dirigem a vida. Conhecemos a luz visível, os raios ultravioleta, as ondas de rádio, as radiações térmicas, as microondas, os raios X etc. Conhecemos também o campo magnético terrestre, os campos eletromagnéticos, os campos etéricos, astral e mental, os campos morfogenéticos, o campo do Akasha, a energia do ponto zero. O homem moderno tem consciência de um número inimaginável de redes energéticas vibrantes que constituem nosso campo coletivo de vida e de consciência. Para J. van Rijckenborgh trata-se do “mar acadêmico”, ao passo que Buda fala da “grande casa da morte”. Todavia, o universo que percebemos é para nós de uma grandeza e de uma beleza incalculáveis. Os sistemas estelares resplandecem e depois desaparecem, buracos negros engolem as estrelas. A nossas retinas, através dos telescópios, chega a luz de supernovas que explodiram há milhões de anos, pulsares (estrelas de nêutrons) giram a toda velocidade ao redor de seu eixo, quasares (núcleos galácticos com um buraco negro superdenso ativo no centro) mostram a luminosidade de milhões de sóis, e há galáxias que viajam em direção umas das outras. Tudo isso nos causa vertigem. A primeira lição a aprender é

de um imenso assombro misturado a uma grande modéstia.

Por fim, descobrimos que estamos no planeta de uma pequena estrela na periferia de uma das milhares de galáxias de um universo considerado aparentemente “vazio”.



TEMOS A CONSCIÊNCIA DE UM MOSQUITO

O *homo sapiens* gira em torno de si mesmo e, em sua ignorância e orgulho, proclama-se “senhor da criação” e comporta-se como tal, governando seus semelhantes, explorando-os, oprimindo-os e massacrando-os. Então, em algum lugar, ressoa a melodia de Bach; ou ficamos subjugados, reduzidos ao silêncio, diante de uma pintura de Rembrandt, ou cativados pela arte escultural de Miguelângelo, ou ainda sob o encantamento de uma peça de Shakespeare. O homem mostra-se pequeno ou grande, tanto na sublimidade como na depravação.

Uma compreensão crescente nos ensina que enormes concentrações de forças operam sobre e em nosso campo de vida, onde, de tempos em tempos, fortes tensões se acumulam, onde violentas erupções de uma energia irreprimível fazem desaparecer continentes e civilizações, e em seguida emergir outros. Assim ocorre uma evolução de formas vitais, da qual participamos, enquanto os ciclos e as eras se sucedem, causando a mudança de nossa consciência.

O objetivo de uma escola espiritual é: que o ser humano reconheça sua origem, mude fundamental e estruturalmente, transforme-se, e então transfigure-se.

Ora, é nossa consciência que determina de qual campo de vida tomamos parte e como. Se um mosquito não tem acesso às idéias de Espinosa, menos acesso ainda temos nós às dimensões e aos campos de vida que escapam aos nossos poderes sensoriais. A consciência e a percepção sensorial determinam-se mutuamente.

E nossos sentidos são extremamente limitados. Apenas uma fração da realidade penetra nosso cérebro pelas minúsculas aberturas de nossos sentidos. E falta-nos ainda interpretar essas vagas imagens. Os pássaros vêem cores que não vemos, como o ultravioleta, por exemplo. E nossos outros quatro sentidos são extremamente rudimentares. As borboletas sentem a presença umas das outras a quilômetros, as serpentes podem ver o calor, o canto da baleia é ouvido por outras a cem quilômetros. Os pássaros sabem navegar no campo magnético da terra; os morcegos voam nas cavernas sombrias por meio de ultra-sons.

UMA GRANDE COESÃO Não podemos imaginar nossa galáxia com suas trezentas bilhões de estrelas nem saber como parece um próton ou um quark. Nosso cérebro não é feito para contemplar e compreender toda a realidade.

Estamos dependurados numa teia de aranha presa a um turbilhão de flutuações e pulsações ultra-rápidas, uma rede na qual não vemos nenhum ponto de junção, nenhum intermediário. O que percebemos são as leis de sobrevivência da vida, as leis de evolução de um ser unicelular até seres de centenas de milhões de células chamados seres humanos. Progressivamente terminamos por compreender

que há leis que regulam e mantêm o todo, como a lei do carma: o destino, a sorte, a fatalidade cega, Nêmesis. De fato, a deusa Nêmesis, representada com os olhos vendados, é a lei da justiça rigorosa. Quanto a nós, estudamos apenas as conseqüências da lei. E nossas células cerebrais apenas compreendem vagamente que fazemos parte de um imenso complexo que nos domina; e talvez tenha mesmo sido feita uma “aliança” conosco. Deve haver, do mesmo modo, uma inteligência superior escondida atrás de tudo isso? E tateamos no escuro durante as poucas dezenas de nossa vida para descobrir o plano e o objetivo.

Havia certo espírito que, nos séculos precedentes, deve ter se extinguido nos cérebros dos cientistas dos filósofos: eles foram pesquisadores da matéria e de suas leis naturais e reduziram tudo ao materialismo e mesmo ao fatalismo. O fatalismo é a crença no destino, no mecanismo que, finalmente, determina a vida. “Deus é uma hipótese da qual não tenho nenhuma necessidade”, disse Laplace. Em seguida, Descartes e Bacon puseram-se a estudar as leis da chamada matéria “morta”, despida do espírito, e aplicaram-nas sob a forma de técnicas para reinar sobre a criação. Nossas universidades e escolas, depois de três séculos, funcionam como templos onde oficiam os grandes pais do materialismo ateu.

REVIRAVOLTA NA VISÃO DO MUNDO Mas o relógio dos anos siderais gira inexoravelmente, e H. P. Blavatsky abriu ao mundo ocidental uma janela completamente nova.

Então, as teorias da relatividade e da mecânica

quântica reverteram completamente a imagem mecanicista do mundo. O interesse pelas filosofias orientais fez surgir conceitos diferentes da causalidade. C.G. Jung revelou o fenômeno da sincronicidade, e os tempos estavam maduros para um novo impulso espiritual. Como pioneiros de uma nova era, Rudolf Steiner, Max Heindel e outros abriram nossos olhos. Surgiram para a consciência novas possibilidades bem como a idéia de um universo paralelo, e passamos a considerar as leis da reencarnação e do carma.

Foi então que os irmãos Leene redescobriram a Rosacruz, seus eminentes Manifestos, e adotaram as convicções dos maniqueus, dos cátaros, dos gnósticos e do hermetismo: o imemorável ensinamento universal. Esses enviados surgiram como arautos da nova era; um terceiro enviado juntou-se a eles e, juntos, desvelaram o ensinamento libertador da transfiguração, ao criar um poderoso órgão iniciático: a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea. Seu campo de irradiação muito particular, seu corpo-vivo, pode ser comparado a um fio arremessado ao “mar acadêmico”, um tipo de fina rede viva e vibrante para pescar todos que podem ainda reagir, pois há apenas um único órgão receptível aos sinais sutilíssimos dessa rede de vida nova: o átomo original do coração.

A primeira reação consiste em se ligar a essa rede sutil. Então segue-se o processo de libertar-se deste mundo, de nosso carma e de Nêmesis, a fim de conseguir acesso ao reino “que não é deste mundo”. Mas como opera o carma e como nos desvençamos dele?

Sabemos que o carma é a soma de toda a herança das vidas passadas no microcosmo. No oceano da vida, o destino da humanidade inteira imprime-se na rede individual de cada microcosmo. As constelações do passado influenciam o microcosmo, depois, no santuário da cabeça, o cérebro. A corrente cármica aflui pelo fogo serpentino na coluna vertebral do embrião em crescimento e se religa ao seu plano de desenvolvimento em seus dois

hemisférios cerebrais. A vida que se seguirá é assim claramente determinada.

GENÓTIPO E FENÓTIPO Finalmente, com base na divisão dos cromossomos no DNA, o carma dos pais imprime sua marca: um arsenal hereditário de aproximadamente 24.000 genes. A predisposição genética do recém-nascido, seu genótipo, é o produto do carma do mundo, do carma de seu povo, de sua família, mais especialmente de seus pais, e finalmente, porém o mais importante, da história particular do microcosmo que servirá de morada ao recém-nascido. As características cósmicas ou astrológicas, bem como as raciais, regionais, familiares, parentais, são agrupadas nessa rede única e muito particular do ser que encarna – via lípica, DNA e santuário da cabeça.

Um exame do horóscopo natal e do genótipo talvez mostre semelhanças surpreendentes, pois a constelação cármica está ancorada nos genes.

Podemos perguntar se os genes são o produto dos pais, porque, como pode o genótipo resultante estar de acordo com o céu aural, que é produto do microcosmo? Isso demonstra a estreita interdependência de tudo que está sob o sistema dialético-cármico. O destino pessoal está intimamente interligado com o dos pais, da família, do povo, da raça, da humanidade, e claro, do microcosmo.

Devido à grande inconsciência geral da humanidade, não há senão uma pequena manifestação do que denominamos “livre-arbítrio”. Essa liberdade é apenas uma ilusão. Decorre daí que são as leis cármicas, os senhores do destino, que regem estritamente as encarnações e escolhem os pais. Estes deverão transmitir seu próprio destino às entidades que nascerão deles para aprender as lições da vida a fim de poder eventualmente proceder a uma mudança fundamental. Pais e filhos deverão, cada um por sua vez, aprender essas lições e perdoar-se mutuamente as faltas. Essa tarefa é impressa nas moléculas de DNA e nos genes aí presentes. Uma ordem sábia mantém tudo isso em equilíbrio e detalhe algum, por menor que seja, é negligencia-



do. Carma-Nêmesis é de uma retidão absoluta, sem distinção de pessoa.

Os biólogos acham difícil considerar tais determinações genéticas. Eles vêem as anormalidades genéticas, compreendem as mutações e doenças, e tentam ajudar a humanidade por meio de manipulações genéticas. Esforços louváveis! Porém... como somente têm olhos para os aspectos materiais e as deficiências aparentes dos tecidos, eles não consideram a constituição propriamente dita. Por isso, com frequência tiram conclusões falsas, ameaçando, assim, intervir na estrutura fundamental da criação com todas as conseqüências. Não se dão conta que, ao intervir na matéria, atentam contra sua estrutura subjacente etérico-astral.

E como, de um modo ou de outro, a determinação

cármica não deve absolutamente desviar-se, Carma-Nêmesis, após uma intervenção material, talvez deva mudar o curso de desenvolvimento provocando doenças ou grandes sofrimentos.

A BALANÇA DE CARMA-NÊMESIS A lei de Carma-Nêmesis não se deixa manipular, e é por isso que devemos considerá-la inexorável. Mas voltemos ao assunto. Observamos com frequência que as doenças ou as características hereditárias reprimidas se manifestam às vezes mediante um desvio como novas doenças e desordens hereditárias. É uma corrida entre Carma-Nêmesis e a ciência, na qual os médicos e os biólogos, após certas descobertas, eventualmente se precipitam para observar novos fatos e novas doenças.

Assim a humanidade contrai cada vez mais doenças porque não compreende o curso de Carma-Nêmesis, que ela não espera que lhe batamos à porta, e que a porta se fecha de modo cada vez mais hermetico. E é assim que somos levados a ver Nêmesis como a deusa impiedosa da justiça vingativa da mitologia grega. A deusa dupla, Carma-Nêmesis, é também a terrível retidão que pune a injustiça e, como a Justiça, a balança cármica que retifica e mantém sempre o equilíbrio: tudo que o homem semeia, ele colhe, tanto o bem quanto o mal. Pensamos assim: a sorte, o destino, está em nossos genes e, portanto, determina inelutavelmente nosso genótipo, sejamos quem formos e o que formos. Mas isso não é nada.

UM NÚMERO INFINITO DE VARIAÇÕES Nosso genótipo não é um painel de controle que determina

toda a nossa vida. Ainda que nossos genes tenham apenas duas possibilidades de ação (eles podem estar “abertos” ou “fechados”), sua ação pode variar de forma infinita. Eles também podem agir uns sobre os outros.

O que resultará disso? Que modelo dominará? De que qualidade será finalmente a vida dependerá de fatores muito numerosos. O genótipo é a predisposição que conduz em determinada direção. A maneira pela qual o homem finalmente se manifestará é o “fenótipo”. Devemos observar a seguinte fórmula: fenótipo = genótipo + ambiente. O ambiente compreende, no sentido de espaço, todas as influências do exterior como educação, meio social, poluição atmosférica bem como numerosas experiências; não menos importantes são as influências interiores como a alegria, a dor, o otimismo ou o pessimismo, a coragem ou o desespero, em resumo, todas as reações que não são puramente bioquímicas ou elétricas.

Surge aqui a influência do espírito humano e, para o aluno do Lectorium Rosicrucianum, a atividade do átomo-centelha-do-espírito. Uma realidade sublime: a força de Cristo toca o aluno no coração com o poder de criar um novo estado de vida, um novo fenótipo que transcende, de muito longe, as predisposições genéticas. Voltemo-nos ao que chamamos “o meio”, o ambiente. Sabemos que esse é um problema espinhoso e que muitos se preocupam com o ambiente. O ambiente mundial é uma projeção externa dos problemas internos do ser humano: a poluição do ser aural e mental e seu aprisionamento astral. O rosacruz pensa que o ambiente diz respeito antes de tudo a seu ambien-

te interior, sua revolução pessoal no sentido mais absoluto do termo, algo que ultrapassa muito o problema de uma diminuição da emissão de CO₂. Trata-se primeiro do que os próprios homens emitem, e em seguida apenas de equipar os carros com um filtro ou outro dispositivo.

É bom que se tome medidas externas, mas elas não afastam a escuridão fundamental. Mas esse é precisamente o objetivo de uma escola espiritual: dissipar as trevas emissoras de ciúme, ódio, maldade, inveja e medo para propagar em seu lugar a esperança, o amor e a luz. Em outras palavras: o ser humano deve reconhecer sua verdadeira origem, mudar fundamental e estruturalmente, transformar-se, e então transfigurar-se.

A EXISTÊNCIA HUMANA COMO POSSIBILIDADE

Certas influências são capazes de mudar completamente as células cerebrais e suas relações. Trata-se da “neuroplasticidade”. Sem falar da possibilidade de o Espírito ingressar em nosso sistema!

Tudo isso explica que o homem que busca a verdade, que aceita a grande missão de seu genótipo pessoal e cumpre seu destino dá prova de um fenótipo que representa verdadeiramente um novo estado de vida.

Ele começará por assumir plenamente e de todo coração seu carma e seu genótipo, por mais duro que seja seu destino. Mediante a Gnose e nela, a alma-espírito que se desenvolve no aluno permite-lhe transcender totalmente seu pesado fardo cármico, as forças da lípica (o ser aural) e sua ligação com todo seu arsenal genético. Portanto: primeiro tudo aceitar, depois tudo superar, tudo sublimar!

A doença pode, portanto, ser um instrumento maravilhoso para liberar os buscadores das leis de Carma-Nêmesis, desde que eles observem as exigências do novo campo de vida. É interessante lembrar que a deusa Nêmesis tem os olhos vendados para julgar de modo absolutamente justo e imparcial, independente de preferências e aversões pessoais. Não há justiça vingadora, mas uma retidão, uma bondade e uma verdade que emanam do amor divino.

Agora compreendemos que o amor infinito de Deus guarda e engloba a natureza da morte inteira, o “mar acadêmico”, o “oceano do sofrimento”, e

namento das duas ordens de natureza, que parece difícil de associar com “a unidade de tudo que existe”, princípio sobre o qual insistimos. Mas por que é uma dificuldade se nos baseamos no fato de que o plano divino prevê que a todo desvio jamais falte a sustentação do amor divino? Após um tempo indizivelmente longo, tudo pode novamente voltar à unidade. Por essa razão declaramos que a lei de Carma-Nêmesis é inexorável, ou que, para o “Tao”, os homens são apenas “cães de palha”. O amor divino atua de modo a que os seres humanos devam inelutavelmente sofrer as conseqüências de seus atos.

Não há justiça vingadora, mas uma retidão, uma bondade e uma verdade que emanam do amor divino

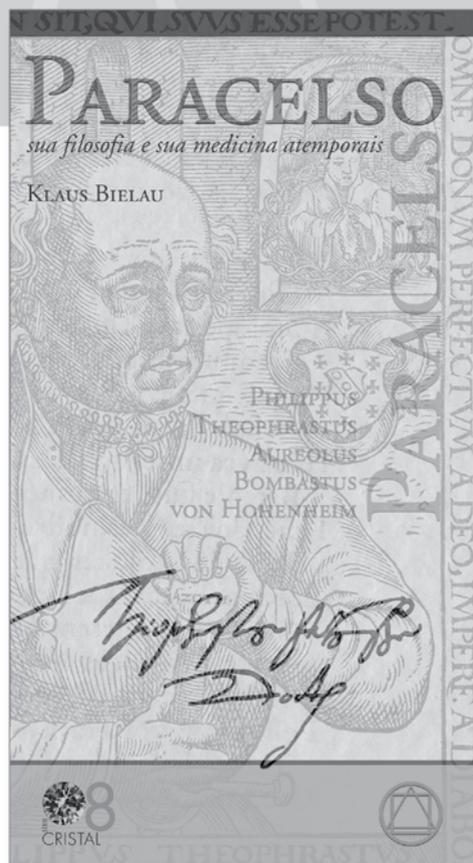
inclui a rede do destino e a lei de Carma-Nêmesis. O reino original não está distante, mas aqui e agora, o reino de Deus está dentro de nós.

Ah, pensarão alguns, mas então estou dentro desse outro reino! Completo engano, pois em primeiro lugar é necessário que nós, ou melhor, que o homem primordial em nós emergja do oceano do sofrimento. É preciso primeiro reconhecer verdadeiramente que a contranatureza na qual vivemos é exatamente a “natureza da morte” para admitir, como o filho pródigo: “Como a comida dos porcos, mas levantar-me-ei e irei ter com meu Pai”. É impossível fazer essa declaração se não tivermos vivenciado que esta natureza é a casa da morte, pois então manteremos o estado da realidade aparente de nosso naufrágio no oceano do sofrimento. A verdade é que a pessoa não-desperta sofre mais por não aceitar perder-se em algo infinitamente superior.

O amor e a justiça que, com os olhos vendados, com toda objetividade, prevêem que os homens recebam o que chamaram para si, sabendo que todas as suas experiências terminarão por levá-los à unidade divina.

É por isso que carregamos nosso carma e o microcosmo reencarna. Carregamos o plano de nossa missão nesta vida em nossos genes. O genótipo é como um instrumento musical que devemos tocar. Embora as melodias ou dissonâncias que serão produzidas estejam ainda indeterminadas, se uma alma nova pode fazer que os sons desse maravilhoso instrumento sejam compreendidos, as predisposições e as leis cármicas serão completamente dissolvidas. Esse declinar do homem-personalidade permite a elevação do homem-alma vivente: o ser primordial que “era, e que há de vir”, na unidade original ✪

O HOMEM-ALMA Discutimos se a filosofia do Lectorium Rosicrucianum está fundamentada no dualismo ou no monismo. O dualismo é o ensi-



PARACELSO

sua filosofia e sua medicina atemporalis

KLAUS BIELAU

Quais as verdadeiras causas das doenças? Como curá-las? Neste livro, o autor nos desvenda Paracelso, filósofo, alquimista e o médico mais famoso de sua época, que respondeu a essas questões ao mostrar o que é a Medicina superior, capaz de realizar a cura fundamental do ser humano. É preciso buscar a perfeição, na qual estão força e poder, a fim de alcançar a verdade. Essa fonte de perfeição está em Deus.

EDITORA LECTORIUM ROSICRUCIANUM
Caixa Postal 39 - 13 240 000 - Jarinu - SP - Brasil
Tel (11) 4016.1817 - fax 4016.5638
www.rosacruzaura.org.br

NÚMERO DE PÁGINAS: 112
R\$ 24,00
ISBN: 978-85-88950-48-1

Valentino, o autor de *O Evangelho da Verdade*, mostra ao ser humano o caminho para aplacar o anseio atormentador pela Verdade e para suprimir a ignorância fundamental sobre ela.

“Os homens que se tornaram conscientes da Verdade não são atormentados pelo anseio pela Verdade e não são confundidos na busca pela Verdade. Pelo contrário, eles mesmos são a Verdade...”

E os que não se encontram nesse estado de alegria e repouso – que somos todos nós – “saibam que eu já não posso falar sobre outra coisa depois de ter estado uma vez nesse lugar de repouso”.

O caminho começa com a compreensão de que nos encontramos em ignorância e engano sobre a verdade e sobre nós mesmos. Esquecemos e negamos nossas raízes e as do mundo. Dormimos e acreditamos que nossos sonhos são a realidade. Contrariamente ao mundo do Espírito, nossas percepções sensoriais do mundo material nos apresentam uma realidade de segunda ordem, tal como são os sonhos em relação ao estado de vigília.

A **transfiguração** é a transmutação do efêmero em verdade imutável, do mortal em imortal. Trata-se de uma revelação, do testemunho de que existe uma vida divina, uma verdade divina e um caminho divino. Esse caminho, essa realidade e essa vida divina representam uma realização que apenas vivenciaremos quando nós mesmos descobrirmos o caminho, se nós mesmos o percorrermos e testemunharmos isso, e se, enfim, vivermos de Deus e para Deus. Para isso não existem nem palavras, nem símbolos, nem sinais: permanece somente o amor, porque Deus é Amor, e esse Amor, inteligência suprema, torna-se a força de irradiação do homem-alma-espírito.



ISSN 1677-2253



R\$ 12,00

9 771677 225003